

# PERNAMBUCO

## O QUE DUPLICA O MUNDO

Os elementos que forjam a ideia de literatura

HALLINA BELTRÃO SOBRE FOTO DE ALEXANDRE SEVERO

## GALERIA



### RODRIGO SOTERO

O designer e fotógrafo Rodrigo Sotero já colaborou diversas vezes com o **Pernambuco** e tem um trabalho originalíssimo. Suas fotos, em geral, manipulam e vão direto ao fantástico que existe por trás da realidade. Para esse número, decidimos expor sua visão particular do deserto. No caso, do Deserto do Atacama, no Chile.

[www.flickr.com/rsotero](http://www.flickr.com/rsotero)

[www.rsotero.wordpress.com](http://www.rsotero.wordpress.com)

### CARTA DO EDITOR

O **Pernambuco** começa o ano questionando um pouco seu campo de atuação, com uma matéria de capa ontológica. O que é literatura? Em que consiste hoje literatura? Perguntas que se fazem necessárias nestes tempos quando os gêneros parecem se confundir tanto e quando o público leitor parece estar fascinado por biografias e/ou jornalismo literário. Quem topou a empreitada de questionar e apontar os alicerces literários foi Anco Márcio Tenório Vieira, professor do Departamento de Letras da UFPE e um colaborador assíduo do **Pernambuco**.

“A literatura e, de forma geral, a arte, tanto busca duplicar a realidade empírica quanto procura ser a mais resistente e perpetuante resposta dada pelo homem ao que ele imputa como as ‘imperfeições’ da criação. Todo escritor se acredita, no fundo, um pequeno Deus; alguém que pode, por meio da palavra, recriar os passos do Gênesis. Afinal, no princípio era o Verbo. No entanto, se a literatura dilata a realidade empírica do mesmo modo que os espelhos, os sonhos, as fantasias e os travestirmos, o que faz um dado texto ser tomado como literário?”, questiona Anco Márcio. Vale ressaltar o trabalho do fotógrafo Alexandre Severo e da designer Hallina Beltrão na arte desta matéria.

Nesta edição, Samarone Lima topou uma pauta antiga da gente, que só agora saiu do papel: perfilar a “instituição” da noite recifense “Irmãos Evento”, dois misteriosos homens que se tornaram celebridades de festas, lançamentos, exposições e missas e outros eventos menos cotados. Samarone fez uma reportagem brilhante, jogou luzes na história dos dois irmãos, mas não retirou as sombras, essas aí tão fundamentais em se tratando de qualquer boa lenda urbana.

Um dos autores brasileiros mais interessantes hoje, Ricardo Lísias, topou mandar um texto inédito para a gente, que deixa clara a força da sua ficção. É dele um dos contos mais fortes da última edição da *Granta*, especial sobre sexo. José Castello traz uma crônica apurada e inspirada sobre o novo romance de Cristovão Tezza, *Um erro emocional*. Essa obra, que sucede o vitorioso *O filho eterno*, foi uma das mais fortes a sair no Brasil ano passado. E deve continuar perturbando/iluminando muitos leitores no decorrer de 2011. Assim como toda boa literatura costuma fazer.

Bom ano novo e boa leitura,  
Os editores

### PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO  
DE PERNAMBUCO

*Governador*

Eduardo Campos

*Secretário da Casa Civil*

Ricardo Leitão

COMPANHIA EDITORA  
DE PERNAMBUCO – CEPE

*Presidente*

Leda Alves

*Diretor de Produção e Edição*

Ricardo Melo

*Diretor Administrativo e Financeiro*

Bráulio Menezes

CONSELHO EDITORIAL:

Mário Hélio (Presidente)

Antônio Portela

José Luiz da Mota Menezes

Luís Augusto Reis

Luzilá Gonçalves Ferreira

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO  
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO  
Luiz Arrais

EDIÇÃO  
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO  
Mariza Pontes e Marco Polo

ARTE, FOTOGRAFIA E REVISÃO  
Gilson Oliveira, Hallina Beltrão, Karina Freitas,  
Militão Marques e Sebastião Corrêa

PRODUÇÃO GRÁFICA  
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves, Roberto  
Bandeira e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE  
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO  
Gilberto Silva

**Cepe**  
EDITORA

PERNAMBUCO é uma publicação da  
Companhia Editora de Pernambuco – CEPE  
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife  
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação  
3183.2787 | [redacao@suplementope.com.br](mailto:redacao@suplementope.com.br)

## BASTIDORES

# Sempre em nome de um santíssimo Três

Poeta explica como surgem os heterônimos que formam os alicerces do seu trabalho

Raimundo de Moraes



KARINA FREITAS

**Ser o Outro é o que atormenta**, é o que fascina. E muitas vezes é o que inspira. De Téspis, na Grécia Antiga, à sedutora possibilidade de ser apenas um pseudônimo na internet – queremos ser o que sonhamos. Ou o que pensamos que somos. Quantas máscaras teremos se somarmos todas aquelas que usamos ao longo do dia? O mundo pode ser um grande palco, com exatos 15 minutos de fama, segundo Andy Warhol. Ou com 140 toques, segundo o Twitter.

Vamos retroceder ainda mais, bem antes das máscaras serem usadas nos festivais de Dionísio. Sim. Quando as tribos pré-históricas vestiam peles das feras como rituais, pensando assim apoderar-se da força dos predadores. Sair da fragilidade do que se é e transmutar-se num outro Eu. Fazer emergir de dentro de nós uma força desconhecida – aguardando apenas uma hora de revelar-se... e ser o Outro.

Quando Freud indicou que o ID, Ego e Superego estavam sempre em confronto, nos convidou a entrar nos nossos porões mais secretos e ver as feras ali escondidas. Algumas já feridas, outras à espera do bote. Temos também os nossos Doctors Jekyll e Misters Hyde que nos assombam. Na ira, na mesquinharia, na violência. Nos pseudos paraísos artificiais fumados e inalados. O que seu Mister Hyde traz à tona? Apenas uma dose de mau humor?

Eu sou 300, já dizia o autor de *Macunaíma*. Preciso de uma calculadora cósmica: quero saber quantos sou até o presente momento desde que nasci numa sexta-feira ao meio-dia, com o Sol em Gêmeos. Num aeroporto muito distante ao desembarcar eu já não era eu e um Outro me entregava seu script. Na meia-noite de uma rua suja do Recife de repente eu morri. O Outro veio e falou: Oscar Wilde disse que podíamos ver o brilho das estrelas na sarjeta. Eu vi. Eu lambi as estrelas.

Menos é mais, aconselham os parâmetros da beleza e da elegância. Mas o que fazer com os excessos? Além do analista que cobra 200 reais a hora, quem quer meus outros Eus que se excedem? Como uma Grande Mãe, a Poesia desnuda-se e mostra seus peitos: alimente-os aqui, querido. Entrego-os com fome de expressão literária. Nascidos não sei como e por qual motivo, meus outros Eus são carne e palavra.

Os dois agora reunidos em livro podem ser classificados no que a Literatura chama de heteronímia. Ou somos na verdade três? Existe a possibilidade de Raimundo de Moraes ser um heterônimo de alguém que transfigurou-se naquela rua escura do bairro da Boa Vista. Existe a possibilidade desse livro *Triade* ser o roteiro de uma quarta vida ainda sem nome.

Ao “receber” o primeiro poema de Aymmar Rodríguez – inclusive “Cenouras”, encenado na década de 1980 num bar em Olinda – eu não sabia estar iniciando ali uma nova biografia. Que foi se ampliando através de performances, publicação em jornais e fanzines. A poesia maloqueirista de Aymmar ocupou

um grande espaço em minha vida, até eclipsar-se durante quase 10 anos. Ele ressurgiu depois de uma violenta dor de cabeça, em Paraty, Rio de Janeiro, em 2009. Naquele mês de julho Aymmar escreveu quase todos os poemas do *Baba de moço*, o mais transgressivo livro de poesia publicado em Pernambuco. Literatura escrachada até o último grau e desaconselhável para menores de 18 anos.

Semíramis surgiu como um sussurro no ouvido, quando eu estava voltando a morar no Brasil, depois de uma temporada no exterior. Ao ler seu primeiro poema – *Confissão*, incluso no *Triade* – vi que era uma personalidade feminina que estava ali naqueles versos. Isto fica bem explícito quando ela encerra o poema dizendo: “Ele de repente lembra de certas dançarinas do cais / e vê em meus olhares / éguas, cadelas, gatas. / Nunca uma mulher apaixonada.”

Sentimento de estranheza. Aquilo não era eu, nem tampouco Aymmar. Os textos surgiam esporadicamente – diferentes da fúria criativa de Rodríguez – e pareciam indicar uma unidade temática. Naquela época, claro, os manuscritos ficaram todos na gaveta, junto com os de Aymmar.

O problema era gerenciar tudo isso. Dois heterônimos antagônicos e de sexos diferentes. Os estudiosos de Fernando Pessoa encontraram elementos coincidentes nos seus três heterônimos mais conhecidos – mas eu, um desconhecido brasileiro, estava envolto num caso único de dois personagens (desculpem, mas detesto a expressão tão em voga chamada “eu lírico”) autônomos e fortes. Se o masculino faz questão de exibir-se, o personagem feminino nem sobrenome tem – Semíramis dispensa nome de família porque ela é atávica, como assinala em outro poema: “Sou a anônima enfim liberta. Então, pra quê ser uma Fulana de Tal se no seu Delivário de Amor e Morte ela personifica todas as mulheres apaixonadas do planeta?”

O *Triade*, apesar das angústias geradas pelos três autores, parece ser um palco em formato livro. Não exorcizei meus demônios, não inventei nominhos exóticos para batizar cada uma das personalidades literárias. Apenas aceitei ser veículo, escrevendo o que o Outro assim mandava. Porque, no final, não são só três pessoas. Esse número com certeza é bem maior.

### O LIVRO



**Triade**  
Editora Edições Bagaço  
Páginas 104  
Preço R\$ 20

## CARTUNS

LIN  
JOAOLIN@TERRA.COM.BR



## PERFIL

# Por que foi que esse homem teve que partir?

De como o salto alto ajudou o quadrinista Laerte a voltar a se perceber como “Laerte”

Diogo Guedes



**Não é raro a imprensa** dar espaço a celebridades ou artistas envolvidos em uma polêmica. Grande parte da cultura pop e midiática é construída a partir de posicionamentos frontais, questionadores ou conservadores, de seus participantes, que muitas vezes sequer se importam se isso toma uma repercussão maior que a da sua obra. Mas quando o personagem é um dos mais respeitados nomes dos quadrinhos brasileiros, tanto em popularidade como em mérito artístico, por que ele simplesmente decidiria, de uma hora para outra, se assumir como *crossdresser*?

Foi o que aconteceu com Laerte. Celebrado por quadrinistas e jornalistas pelo experimentalismo e pela originalidade da sua produção diária na *Folha de S. Paulo*, durante 2010, o autor não só revelou gostar de usar roupas e adereços associados ao guarda-roupa feminino como passou a dar entrevistas vestido com eles. Mais do que suas inquietantes tiras e o recém-lançado *Muchacha*, essa se tornou a temática principal de entrevistas, matérias e resenhas dos seus livros.

A verdade é que o próprio Laerte, aos 59 anos, não se esquivava de nenhuma forma do assunto que ele trouxe voluntariamente à tona. Em *Muchacha*, traz como um dos protagonistas o ator Djalma. O personagem, preso a papéis pobres e na maioria das vezes sem falas, se realiza profissionalmente e pessoalmente ao assumir a identidade da cantora transexual cubana que dá o nome ao livro.

Como o próprio Laerte, a obra vai bem além da temática do travestismo. Para defini-la, Laerte cunhou a expressão “graphic-folhetim”, apropriada porque descreve com perfeição o formato da narrativa, dividida em pequenos capítulos de apenas quatro quadros. Os primórdios da televisão, o pano de fundo da HQ, marcam uma relação com seu livro anterior. “*Muchacha* é uma história que se gerou do trabalho que eu fiz no *Laertevisão*, que era uma prospecção por minhas memórias televisivas, já que eu tenho quase a idade da televisão. Dentro desse mundo, comecei a pensar nos seriados de ação que existiam na década de 1950, principalmente um, chamado *Falcão Negro*. A partir disso, criei um seriado fictício e fiz uma história a partir dele e da vida dos personagens fora dele”, explica, por telefone, o quadrinista.

No livro, Laerte apresenta os bastidores surreais do programa centrado no herói espadachim Capitão Tigre. Com o cancelamento da atração, o ator principal, Lairó, passa a confundir realidade com ficção, tornando *Muchacha* um thriller pastiche que envolve alucinações, romances, viajantes do futuro, cartomantes, além, é claro, do travestismo. Em meio a isso tudo, ainda somos apresentados ao programa de animação do Morcego Frederico, visto pelo olhar distorcido (e político) do próprio Lairó. “Essa parte é uma história voltada para alucinação. Eu queria deixar o leitor com dúvidas, deixar aberturas e portas abertas para ele transitar”, afirma o quadrinista.

Um dos principais traços das produções recentes de Laerte é a sugestão implícita de aspectos da sua vida nas obras. Um exemplo é a série *O santo recalcitante*, publicada na *Folha* e republicada no blog do autor, o Manual do Minotauro ([www.verbeat.org/blogs/manualdominotauro/](http://www.verbeat.org/blogs/manualdominotauro/)). As tirinhas traziam Latércio, um homem santificado contra sua vontade e que busca revogar a nomeação, e os leitores imediatamente a viram como uma resposta do quadrinista aos elogios grandiloquentes de jornalistas e colegas. Laerte, enquanto assume a coincidência entre o personagem e ele, nega essa visão. “Chamar o personagem de São Latércio foi uma liberdade que me dei. Não acho que eu sou santo, claro, mas se bem que o personagem também não acha. Mas a tira não é sobre mim, não. E sobre isso de ser chamado de Deus ou gênio, o engraçado é que os que me chamam de Deus são todos ateus. Um bando de pagãos!”, brinca.

Na sequência, quando perguntado sobre o quanto há da sua vida pessoal em *Muchacha*, ele traz sem cerimônia para a conversa a temática do *crossdressing*. “O que você diz sobre o fato de ter um travesti no livro?”, questiona, dando logo em seguida a resposta: “Eu tenho mantido o comentário sobre a transexualidade mais no *Muriel Total* (tiras publicadas na seção de Informática da *Folha de S. Paulo*). No resto, é algo secundário. Mas, nesse livro, tem sim algumas coisas que resvalam na minha experiência pessoal. Tem a *Muchacha*, tem a mãe do Capitão Tigre, que pertence ao partidão. Eu fui do partidão, tem algo a ver com isso”, sugere. A própria experiência com os primeiros seriados de aventura da TV é parte da obra.





Afastado dos personagens fixos e da fórmula humorística das tirinhas de humor, Laerte faz de inquietações políticas, artísticas, culturais e pessoais o combustível para suas produções. “Várias coisas me estimulam a criar. Essas questões que dizem respeito ao que estou vivendo, por exemplo. E o pensamento conservador da sociedade atual, de direita mesmo, também me estimula a dar uma resposta. Me motiva a responder a alguns colunistas, também, ou a pelo menos indicar uma possível resposta. Fora isso, o que me estimula a fazer tiras são um mundo de filmes, livros, memórias. Praticamente qualquer coisa pode me interessar”, aponta.

#### ABANDONO DE PERSONAS

O interesse da mídia em relação ao quadrinista tem se baseado em dois polos, ambos relacionados à imagem de artista em crise, de artista em transformação que Laerte tem mantida. O primeiro deles é, naturalmente, o trabalho do autor, que, com a criação do blog *Manual do Minotauro*, passou a ser alvo de elogios. O site, na verdade, serviu apenas para ampliar a visibilidade e dar uma visão geral da mudança que havia começado já em 2004 e foi intensificada em 2005, com a morte do seu filho Diogo, aos 22 anos, em um acidente de carro.

Nesse tempo, Laerte deixou de lado os personagens que o consagraram, como Piratas do Tietê, Gato e Gata, Overman e Deus, e passou a construir suas tiras diárias na *Folha* fora da obrigação humorística, buscando levar ao limite as possibilidades do espaço. “Eu já não busco provocar uma risada. Acho que é possível, sim, rir com as minhas tiras, mas elas não são de humor. São espécies de contos”, indica. Não é o seu interesse, portanto, simplesmente superar a crise, mas se manter questionando as próprias fórmulas e premissas do seu trabalho. A atitude, ainda no começo do processo, levou dois jornais que o republicavam a cancelarem as tiras.

O segundo aspecto, no entanto, recebeu mais destaque, principalmente fora de veículos especializados em quadrinhos. A primeira aparição foi em março, na TV Uol, com unhas vermelhas e brinco, mas com pouca repercussão. Em agosto, Laerte foi entrevistado no programa *Lobotomia*, do cantor Lobão, também com acessórios femininos e já em maior evidência.

Mas só em setembro, na *Bravo!*, ele se revelou de fato como adepto do *crossdressing* – prática de usar roupas ou acessórios vinculados ao sexo oposto – e deu as primeiras declarações sobre o assunto. A partir daí, diversas matérias se dedicaram a falar do Laerte vestido de mulher, incluindo abordagens que se dedicavam, por exemplo, apenas a tratar sobre o guarda-roupa de peças femininas do cartunista.

Antes de tudo, é difícil ver nesse discurso *crossdresser* de Laerte um simples impulso de provocar uma polêmica, de chocar. Confortável com as roupas – tem aparecido sempre “montado”, termo que usa para se referir ao ato de se travestir – e com as palavras, o quadrinista é ao mesmo tempo incisivo e didático ao tratar da questão. É ambíguo, tratando não como uma defesa finalizada, um processo concluído, mas uma exposição da dúvida, da dubiedade, da liberdade que é, para ele, o próprio objetivo do *crossdressing*.

Portanto, travestir-se não é uma forma de expor uma mulher que está dentro do corpo de um homem; a sua motivação não tem nada a ver com a sexualidade. É um questionamento, como são as suas obras, de valores e estéticas preestabelecidos. “A repressão faz parte da nossa cultura. Por si só, o fato de existirem duas formas de se vestir para que se escolha é um sinal disso. Você só pode ser homem ou mulher”, explica.

Assim, a busca do *crossdresser* é a de romper esses limites. “Eu quero conquistar esse espaço. As mulheres já o conquistaram há muito tempo, usam roupas de homens sem problemas. Para mim, essa fronteira não tem que existir”. O travestimento de Laerte é, então, uma problemática de gênero, é a busca de se comunicar artisticamente a partir do que ele chama de “linguagem do vestuário”. “Existem tantos gêneros quanto existem pessoas”, diz ele, citando a frase da amiga Letícia Lanz, autora do blog *Arquivos de uma crossdresser*.

O questionamento dessa linguagem, no entanto, não gerou grandes mudanças no quadrinista. “Continuo a mesma pessoa, ou quase a mesma”, afirma. “O fato de usar salto-alto modifica meu modo de andar, mas eu sou o mesmo. Também não aprendi nada. Estou explorando a questão do gênero para conhecer a minha feminilidade – que já não era uma completa desconhecida minha, é bom ressaltar”.

“O que eu queria era poder usar roupas ditas ‘femininas’. Na verdade, eu já descobri que posso”, avalia Laerte. Sereno, comenta as reações ao anúncio do seu travestimento: “Algumas pessoas até manifestam vontade de se vestir assim, se travestir. Têm também olhares mais atônitos, mas, em geral, tem sido algo benéfico”, aponta.

#### QUER ME VER SEM FARDA?

Durante toda a conversa, Laerte responde sempre sem muitos rodeios, posicionando-se de forma franca e, ao mesmo tempo, dúbia – ou melhor, aberta. Esse é o traço marcante do quadrinista, seja como autor, entrevistado ou fotografado: a rejeição das respostas e dos sentidos únicos. Tudo que se apresenta como pronto não o interessa, e, dessa forma, é até possível imaginar que os seus questionamentos vão bem além do que é apresentado publicamente.

Assim, quando pergunto, já no final da entrevista, se ele não teme que o seu discurso sobre a prática do *crossdressing* ofusque o alcance e a relevância dos seus quadrinhos, entendo agora que a resposta não poderia ser outra. “Eu falo do que me perguntarem”. O que parece, na verdade, é que Laerte não vê diferença entre falar sobre si ou sobre sua obra porque, para ele, não há diferença. Para o quadrinista, refletir sobre a linguagem do vestuário e sobre os gêneros é o mesmo que refletir sobre a linguagem dos quadrinhos e sobre o papel das tiras em quadrinhos. Laerte fala de si porque se transformou, também, em uma obra em construção, e a sua obra, falando de aspectos da sua vida pessoal, também se converteu no autor.

Tanto que, a despeito das várias entrevistas de Laerte sobre o *crossdressing*, sua melhor resposta vem em formato de tira, na série *Superclose*, publicada na *Folha*. Nela, uma voz fora do quadro diz a um militar, em close, vestindo acessórios coloridos: “Sinto atração por homens de farda”. Ao que o militar o questiona: “Quer me ver sem a farda?”. A voz afirma que parece ser o objetivo do quadrinista em relação a si mesmo: “Quero te ver sem o homem”. A única certeza sobre o Laerte *crossdresser* é a de que se trata de alguém se despidendo da prisão que podem ser as próprias normas da masculinidade.

## ENTREVISTA

## Marina Colasanti

# “O corte na vida se impôs radical, impôs outro país”

Autora acaba de lançar livro que registra suas memórias de guerra até os 10 anos, antes de imigrar para o Brasil com sua família, quando teve de enfrentar uma nova realidade

DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Rogério Pereira**

Marina Colasanti viveu a intimidade da guerra. Nascida em 1937, em Asmara, capital da Eritreia – então colônia italiana –, ela chegou ao Brasil aos 10 anos. É este período da infância, vivido em terras africanas e italianas, que o recém-lançado livro de memórias *Minha guerra alheia* percorre com lirismo, humor e esperança. Mesmo no centro da Segunda Guerra Mundial – o pai de Marina era oficial do exército italiano –, o olhar da autora volta-se para o cotidiano, para a vida que segue seu ritmo, apesar do horror que a ronda o tempo todo. “A visão da guerra que nos é constantemente

servida pela mídia é constituída por flagrantes de ações, fragmentos, uniformes mimetizados, poeira, explosões. O cotidiano está ausente, não é notícia. Foi dessa ausência que eu quis falar. E o fiz lembrando minha infância”, diz Marina nesta entrevista concedida por e-mail ao **Pernambuco**.

Ao afastar-se de uma narrativa óbvia sobre a guerra e suas atrocidades, a autora atesta a força da literatura e dos livros, a capacidade da palavra escrita em buscar entender o caos do mundo. “Lendo livros aprendi o pouco que sei sobre ler a vida”, afirma. Ao fim da leitura de *Minha guerra alheia*, entende-se perfeitamente por quê. Ganhadora do prêmio Jabuti 2010 na categoria Poesia, com *Passageira em trânsito*.

Suas memórias em *Minha guerra alheia* têm um corte preciso: terminam no momento do embarque para o Brasil, quando a senhora tinha 10 anos. Por que a escolha deste período?

Porque o corte na vida foi radical, impôs uma outra língua, um outro país, uma outra realidade. E o fim definitivo da minha guerra que, aqui, havia sido vivida de maneira de fato alheia. Lembro que, no dia da chegada, indo de carro para casa com minha tia – a cantora lírica Gabriella Besanzoni Lage –, passamos diante de uma demolição e eu perguntei se no Rio também tinha havido bombardeios. Os adultos sorriram benévolos e comovidos, nunca mais fiz esse tipo de pergunta.

*Minha guerra alheia* aborda sua infância e os difíceis tempos da Segunda Guerra Mundial, entre a África e a Itália. Apesar das dificuldades que toda guerra impõe, infiltram-se pelo livro momentos de alegria, humor, amizade. Com isso, a leitura, sem perder em densidade, torna-se leve, agradável. O que a senhora pretendia quando tomou este caminho narrativo?

Nunca pretendi fazer uma exegese da guerra. Desejei mostrá-la pelo ângulo que não nos chega através dos noticiários da TV, o cotidiano. Há dois cotidianos em qualquer guerra, o das tropas, e o dos civis. Mas a visão da guerra que nos é constantemente servida pela mídia não se pousa sobre nenhum dos dois, é constituída por flagrantes de ações, fragmentos, uniformes mimetizados, poeira, explosões. O cotidiano está ausente, não é notícia. Foi dessa ausência que eu quis falar. E o fiz lembrando minha infância, utilizando o olhar atento com que toda criança apreende o seu entorno.

“A morte é a experiência mais avassaladora da vida, é quando nos é entregue – ou não – a chave do grande mistério

À página 15 de *Minha guerra alheia*, lê-se que “Não eram de grandes registros, meus pais, não deixaram documentos, datas, escritos. Até mesmo minha certidão de nascimento desapareceu”. Mais adiante: “A memória guarda o que bem entende, que nem sempre é o que se precisa guardar”. Durante a construção do livro, a senhora temeu ser traída pela memória, engolida por ela, e transformar *Minha guerra alheia* num híbrido entre ficção e memória?

Não. Em momento algum. Minhas lembranças são muito nítidas, seguras. Narrei o que lembro, fatos gravados em mim com grande intensidade, alguns porque foram determinantes, outros porque são parte ativa de toda uma construção. Vale dizer que o próprio período em que ocorreram, um período que sem medo de errar podemos chamar de risco, impunha atenção. Certamente, muitos momentos menores ficaram fora do relato, e outros tantos foram apagados pelo tempo. Mas nunca pretendi fazer um registro absoluto. O que, sim, pretendi a partir do planejamento do livro, foi fazer uma fusão entre memória e reportagem.

Por que a senhora optou pela ausência de fotografias em *Minha guerra alheia*, já que é comum o uso de imagens em livros de memórias? Durante o processo de escrita pensei que as usaria, parecia-me quase óbvio que o fizesse. Mas quando o livro ficou pronto, hesitei. Afinal, o que eu tinha em mãos não era um livro apenas de memórias, a memória estava entretida em algo bem mais amplo. Usar as fotos do meu álbum de família pareceu-me redutor, pois fecharia o foco sobre um registro pessoal, quando o que eu havia buscado era um discurso coletivo. E, afinal, as imagens au-

sentes estão presentes na narrativa, a descrição das fotografias que decidi não mostrar atravessa todo o livro, a começar pela cena inicial, o casamento dos meus pais. Narrar as fotos é um recurso literário generoso, pois deixa um espaço bem mais amplo e livre para o imaginário do leitor.

A morte esteve muito presente em sua vida desde a infância, devido à proximidade com a guerra. O poema “Antes que”, de *Passageira em trânsito*, diz “Ler um bom poema/antes que a morte venha/ e escreva o seu”. De que maneira a senhora encara a possibilidade da morte? Ela a assusta, a incomoda?

A morte esteve presente na minha infância não só em função da guerra. Naquele período ela bafejou na minha nuca em duas ocasiões, quando tive meningite, e quando tive um problema pulmonar. Tenho dialogado com ela na literatura e na vida, nem vejo como poderia ser de outro modo, já que temos um encontro marcado e não nos conhecemos. A morte é a experiência mais avassaladora da vida, é quando nos é entregue – ou não – a chave do grande mistério. Mas poucos estão à sua altura, preparados, de fato, para recebê-la.

Ao ler sua obra poética e em prosa, nota-se claramente o seu gosto pela viagem, o prazer que conhecer (ou visitar) lugares lhe traz. Qual a importância deste deslocar-se para a construção da sua literatura? Deslocar-me é importante para a construção de mim, e é através de mim que construo a minha literatura. Poderia simplificar dizendo que é um vício adquirido desde a gestação, desde quando, ainda no ventre da minha mãe, mudei pela primeira vez de continente. Entretanto, é muito mais que isso.

Viajar é ser o outro plenamente, é o direito absoluto à alteridade. E quando você se torna o outro, todos os seus sentidos se abrem, porque a sobrevivência depende da sua capacidade de observar e apreender – estou falando, é claro, de algo bem além do tour turístico em ônibus com ar refrigerado e guia falando a mesma língua do viajante. Nesse sentido, toda viagem é mítica, rumo à descoberta do outro, que é também a descoberta de si. E todo viajante é um Ulisses, que atravessando o desconhecido e aprendendo com ele, regressa à sua própria casa.

A senhora tem uma palestra, cujo título é *Como se fizesse um cavalo*, em que narra sua paixão pela leitura e a pessoa que poderia não ter sido se não tivesse lido determinados livros. Pode-se afirmar que a senhora existe, em alguma medida, a partir dos livros que leu? Certamente. Não desse ou daquele livro, mas do todo, do meu estar sempre debruçada sobre alguma leitura. Não sei quem eu teria sido sem os livros que li. Ou melhor dito, sem os livros que me educaram. Pois foi, sobretudo, através da leitura que a vida se desdobrou para mim em infinitas facetas, infinitas variantes, de uma riqueza e de uma multiplicidade que nenhum cotidiano pode nos oferecer. O grande painel dos sentimentos humanos me foi entregue pela literatura. E também a arte me chegou desde cedo através dos livros, quando eu ainda não conhecia os grandes museus. Lendo livros aprendi o pouco que sei sobre ler a vida.

A senhora acaba de lançar o livro infantojuvenil *Classificados e nem tanto*, com xilogravuras de Rubem Grilo. Quais as diferenças, dificul-

“Foi através da leitura que a vida se desdobrou para mim em infinitas facetas, infinitas variantes, de riqueza e de multiplicidade

dades e preocupações ao escrever para um leitor em formação?

Não me preocupo com isso ao escrever. A formação do leitor me interessa quando penso ou atuo teoricamente, quando me ocupo das questões da leitura. Mas, como escritora, estou voltada para o texto, para a história, não para o leitor. Existe toda uma vertente da literatura infantil, que a considera veículo para ensinamentos. É um vestígio ideológico/educacional do século 19 do qual não nos libertamos até hoje. Eu não pertencço a essa vertente. Parece – e talvez seja – pretensioso mas a minha meta, para leitores de qualquer idade, é fazer literatura.

A senhora acompanha a literatura brasileira contemporânea? O que lhe chama a atenção na atual produção?

Aumentou. Publica-se muito mais hoje do que ontem, e apesar da metódica invasão dos best-sellers estrangeiros, sobretudo americanos, há mais espaço para o autor nacional. Os jovens contam hoje também com o espaço da internet, quer para comunicar entre si e intercambiar trabalhos, quer para dar-se a ver aos olheiros do mercado; um blog interessante, com muita visitação é passaporte de valor.

E como é o seu método de criação? Há uma rotina de trabalho?

A palavra rotina é enganadora. Dá logo a impressão de que o que me está sendo perguntado é se eu escrevo todo dia, de que hora a que hora, quando paro para almoçar, e quando para caminhar na praia. Essa rotina de funcionário público, não tenho. Nem poderia. Sou minha secretária, minha administradora, meu mordomo, minha cozinheira, e às vezes até minha

costureira. Sou a dona das minhas duas casas. Viajo muito. Mas sou extremamente cumpridora. Minha rotina consiste em determinar, assim que acabo a escrita e a finalização de um livro, qual será o próximo. O novo projeto entra na minha vida no começo do ano. E a domina até estar terminado. Abro espaço físico para ele como Deus é servido. E mantenho sempre aberta a comunicação emocional/intelectual. Se o projeto se prolonga por mais de um ano, tenho dificuldades entre setembro e dezembro, que é quando se fazem mais intensas as solicitações para viagens e palestras. Mas sou um feitor competente e feroz, mantenho mão de ferro sobre meu próprio cangote.

Que poder tem a literatura sobre o indivíduo? Qual a importância da ficção na vida cotidiana das pessoas?

A resposta poderia se alongar enormemente, vou tentar ser bem objetiva: através da literatura o leitor põe em ato algo muito semelhante à análise de grupo. Há, num romance, várias personagens que interagem, delas sabemos o que dizem, o que pensam, e o que sentem; o narrador onisciente se encarrega de nos transportar para dentro de cada uma delas, ao mesmo tempo que nos mostra o conjunto das ações e reações. O leitor é levado a olhar a vida de perto, e por dentro. E nesse olhar executa as transferências, identificando-se com isso ou com aquilo, elaborando seus próprios sentimentos. Quanto à ficção, eu diria que ela não existe, ou melhor, que tudo é ficção. O sonho e o cotidiano, o fato e seu relato são formados pelos mesmos elementos, tirados do pouco que conhecemos e que chamamos vida. E a realidade de um sempre será a ficção do outro.

## DEPOIMENTO



# O caçador de instantes aleatórios

**Renato Parada**

**SOBRE O ZERO**

**Creio que tudo começou** quando meu pai resolveu comprar uma câmera digital para nossa família. Era bem barata, de 2 megapixels. Eu era adolescente e até então meu interesse por fotografia era zero. Mas, com essa pequena câmera, vi que havia um prazer em fotografar meus familiares, suas casas, objetos etc. E que as fotos dessas pessoas ou coisas traziam um novo significado delas pra mim. Então fui fazer faculdade de jornalismo na PUC-Campinas e descobri o fotógrafo francês Henri Cartier-Bresson, que veio para solidificar a paixão pela fotografia. Até então, não imaginava que o *hobby* poderia virar profissão. Me formei e fui trabalhar em uma editora. Adorava livros, mas trabalhar com livros estava fazendo eu me cansar deles. Nesse meio tempo, uma professora de artes da

Unicamp fora contratada para ser a curadora de uma exposição comemorativa dos 15 anos de um hospital de Campinas. Ela viu o livro de fotos que fiz como trabalho de conclusão de curso e quis que eu fizesse as fotos. Me pagaram muito bem por esse trabalho e decidi que iria tentar trabalhar com fotografia. Mudei para São Paulo, onde trabalhei por um ano como assistente de fotografia num estúdio de moda e publicidade. Então, juntei coragem para encarar a vida de fotógrafo *freelancer*. Vem dando certo.

**NO CAMINHO HAVIA SARAMAGO**

Gosto muito de literatura e tive a sorte de ficar amigo de alguns escritores da nova geração. Isso abriu as portas para fazer alguns retratos, o resto veio como consequência dessas fotos. Até que um dia a Companhia das Letras me ligou para fotografar o José Saramago. Aí as pessoas me associaram à fotografia de escritores.

Mas, apesar de admirar muitos escritores, não tenho um interesse especial pela figura do escritor. Gosto de fotografar pessoas em geral. Tanto faz se são escritores, atores, modelos, chefes de cozinha, cineastas, músicos, atletas, dançarinos etc. Apesar de gostarmos de associar a nossa personalidade às qualidades de uma profissão que admiramos, simplificar quem somos pela profissão é uma ideia decepcionante para mim. E também porque a maioria das profissões não tem tanto charme e glamour como a gente gosta de imaginar.

**QUANDO A FOTO DIZ MAIS**

O posição do fotografado não é uma escolha consciente. Depende de muitos fatores na hora da foto. Geralmente, quando há tempo suficiente, tento fazer várias opções de retratos. E preciso sempre chegar a um equilíbrio do que o cliente quer e do que eu quero mostrar. Às vezes, uma foto de corpo inteiro diz mais

Marco  
Polo

MERCADO  
EDITORIAL

**LEITURA RÁPIDA**

**O escritor Fernando Farias especializou-se em textos curtos que vem publicando em livrinhos de apenas 36 páginas**

“Resolvi publicar meus contos em livrinhos de 36 páginas, formas breves, estórias curtas, para um público que nem sempre tem o hábito da leitura. Um tipo de leitor que tem que optar entre ler meus contos ou ver a televisão, navegar na internet, passear no shopping, além dos celulares, cinemas, namorar ou dormir. Uma luta desigual.” É assim que o caruaruense Fernando Farias (foto) justifica a publicação de,

até agora, cinco títulos: *Fantasia manchada de batom carmim*, *A escolha dos anjos*, *Salada mística*, *Entre sete estrelas* e *Espelhos obscenos*. São estilos e temas vários: “Não façam como minha companheira que pensa que dorme todas as noites com o mesmo homem. Nunca sou o mesmo”, diz ele. Os livros são publicados pela Edições Sabátika. Contatos com o autor pelo e-mail: fernando.farias7@hotmail.com ou pelo fone (81) 9444.2583.

MAIRA GAMBARRA

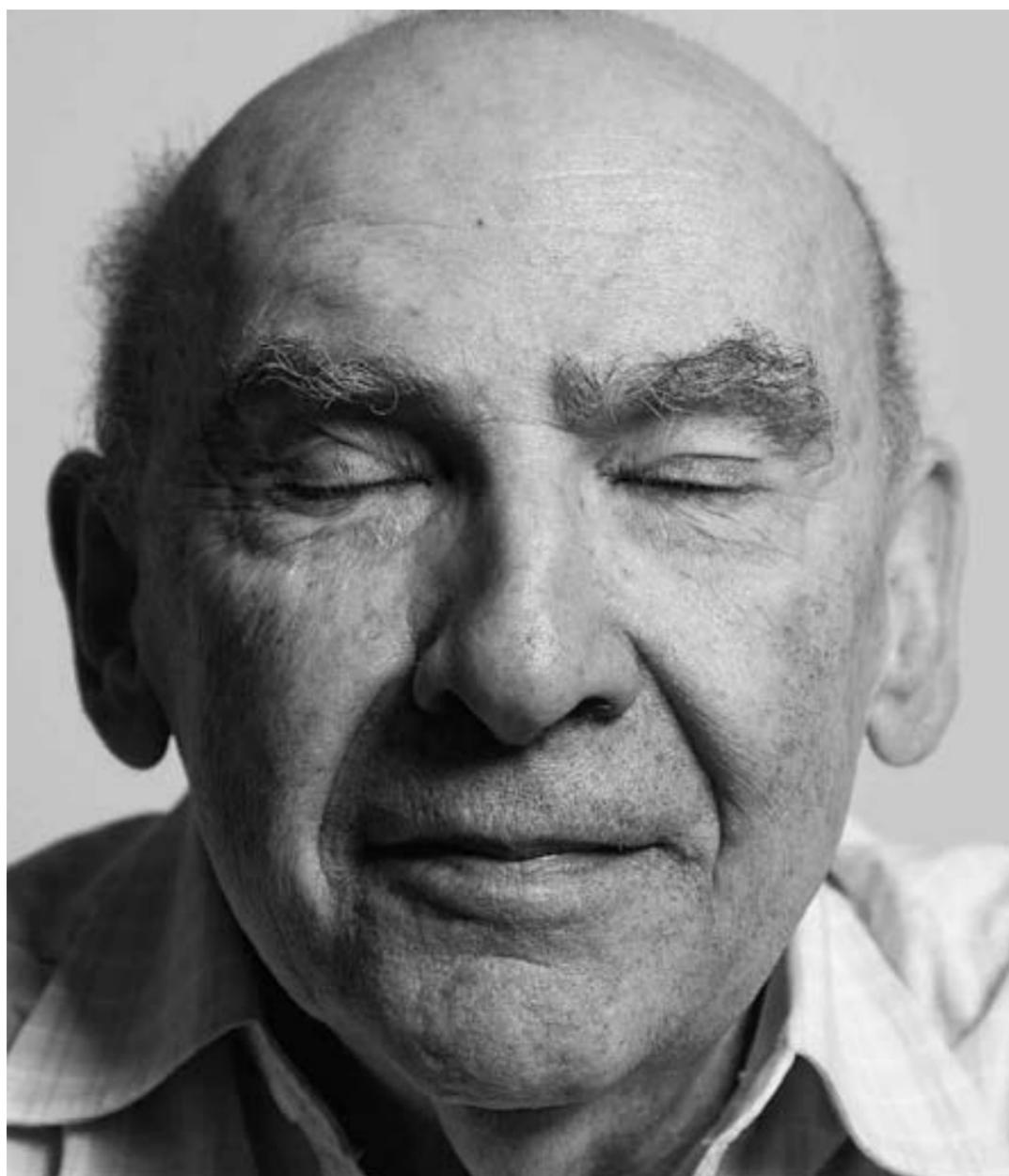


## CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

1. Todos os originais de livros submetidos à CEPE são analisados pelo seu Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
  - Contribuição relevante para Pernambuco;
  - Adequação à missão institucional da CEPE e sintonia com a sua linha editorial, que privilegia obras inéditas, escritas ou traduzidas para o português; que tenham relevância para a cultura pernambucana, nordestina e brasileira, nos seguintes campos do conhecimento humano: científico, técnico, literário e artístico.
2. Para obter a aprovação com vistas à publicação pela CEPE, as obras devem preencher os seguintes requisitos de qualidade:
  - De estilo (correção, clareza, coerência, rigor, coesão e propriedade).
  - De conteúdo (nível apropriado de aprofundamento dos temas, evidência de pesquisa e reflexão, consistência de argumentação e elaboração, originalidade da abordagem).
3. O Conselho Editorial não analisa:
  - Originals incompletos, em progresso ou ainda sujeitos à correção do autor.
  - Livros individuais ou coletivos na condição de projeto. Os textos devem ser entregues com o seu conteúdo pronto, acabado, sem acréscimos nem rasuras.
4. Serão imediatamente desconsiderados e rejeitados originais que atentem contra as declarações de direitos humanos e congêneres, as leis e os dispositivos morais e éticos, nomeadamente os casos de:
  - Violação dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;
  - Que fomentem ou mostrem simpatia pela violência e desrespeito a crianças, idosos, bem como os preconceitos de raça, religião, gênero etc.
5. O Conselho não recebe dissertações ou teses em estado bruto (devem ser feitas as reformulações necessárias de modo a reduzir o excesso de tecnicismos típicos do trabalho acadêmico).
6. As obras, inclusive as coletivas, devem estar corretamente padronizadas e revisadas, de modo a permitir a leitura crítica e análise final da obra.
7. O autor deve enviar à CEPE cópia impressa dos originais em quatro vias.
8. Não são recebidos originais em CD, disquete, e-mail ou qualquer outro formato eletrônico.
9. O comprovante de envio dos originais pelos Correios (AR – Aviso de Recebimento) valerá como protocolo de entrega.
10. Em caso de entrega dos originais na sede da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, o portador deverá se dirigir à secretaria da Presidência, onde assinará o protocolo.
11. Todos os originais são de responsabilidade exclusiva do autor. O Conselho não se ocupa de eventuais perdas ou danos no trajeto de encaminhamento nem devolve os originais recebidos.

Companhia Editora de Pernambuco  
Rua Coelho Leite, 530 – CEP: 50100-140  
Santo Amaro – Recife – PE.  
Informações adicionais pelo telefone:  
(81) 3183-2708

FOTOS: RENATO PARADA



Andrea del fuego, autora de *Os malaquias*, se revela e Boris Fausto em flagra sonhador

sobre aquela pessoa, ou diz coisas diferentes de um close. Não tem regras. O fotografado sentado ou em pé são apenas opções que eu vou fazendo dependendo do ambiente que tenho, isso tudo no processo de ir tentando situações e buscando ver onde a foto “diz” mais coisas. É um processo quase aleatório.

### O MEU “AUTORRETRATO” DO OUTRO

Por ter o controle de escolher qual momento quero captar, já estou fazendo uma escolha pessoal do que quero ver na pessoa, e isso por si só, com certeza, pode dizer muito da minha pessoa. Muitos acadêmicos da fotografia dizem que todo retrato de um fotógrafo é um autorretrato. Um dos grandes prazeres meus com a fotografia é tentar não racionalizar muito em cima das imagens. Gosto de deixar a fotografia no campo das emoções não verbais, apesar disso soar um pouco contraditório pra mim, já que acredito muito naquela

frase onde Wittgenstein diz que “Os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo”. Mas, como tenho uma tendência muito grande a racionalizar sobre tudo, a fotografia pra mim, além de pagar as contas, ao menos, é um momento de desligar o botão da racionalização das emoções.

### CONTRA A INTERPRETAÇÃO

Tenho um pouco de receio de comentar os motivos que me fazem gostar de uma foto, porque, na maioria das vezes, a interpretação das outras pessoas sempre me mostra algo mais interessante que eu mesmo não vi na imagem. Ao dizer algo, parece que limito e bloqueio as pessoas a sentirem essas coisas originalmente.

**Renato Parada** é fotógrafo e, na última edição da Balada Literária (SP), fez uma exposição das suas principais fotos de escritores.

## POESIA

### Fragilidades diante dos choques da existência

“O título do livro de Aldo Lins, *Alma de vidro*, parece refletir, por igual, duas noções: a de transparência, com que o poeta expõe sua alma aos ventos do mundo, e a de fragilidade, através da qual busca expressar o temor, consciente ou inconsciente, de chocar-se contra as amarras de sua própria existência”. A opinião é de Ângelo Monteiro que, junto com outro grande poeta, Jaci Bezerra, atesta a qualidade deste paraibano.

## EDIÇÃO

### Editora Calibán cresce no mercado, com mais de 40 títulos em diversas áreas, da poesia ao teatro e à filosofia

Criada inicialmente como revista, a Calibán, do Rio de Janeiro, transformou-se em editora e já tem em seu catálogo mais de 40 livros. Poesia, crítica, contos, ensaios, crônicas, romances, filosofia, teatro, livros infantis, a variedade é grande e a procura pela qualidade já lhe rendeu pelo menos dois prêmios: o de Melhor Romance Estrangeiro, concedido pela Academia Internazionale Il Convívio, na Itália, para As

*joaninhas não mentem*, e o Prêmio Dicéa Ferraz na categoria Poesia e Conto, concedido pela União Brasileira de Escritores – RJ, para *Grãos*. O mais recente lançamento da editora é *A rua pela vidraça*, livro de contos e poemas da pernambucana Carmen Vieira. São textos curtos, em linguagem simples, às vezes elípticos, mas sempre com um sopro de encantamento pela vida que perpassa em todos eles.

# Espelhos, sonhos e fantasias

Ensaio aponta por que dependemos da ilusão que marca a literatura

**Anco Márcio Tenório Vieira**

Deparando-se com alguém que era a sua “semelhança mais semelhante”, Sósia, personagem da comédia *Anfitrião*, de Plauto, observa: “Quando o examino e reconheço a minha figura, tal e qual eu sou – tenho-me visto muitas vezes ao espelho –, nada há mais semelhante a mim mesmo.” Ou seja, nenhuma “semelhança mais semelhante” era possível entre dois homens se não fosse por meio de uma imagem refletida no espelho. Para Jorge Luis Borges, os espelhos são “abomináveis” porque “multiplicam o número de homens”. O escritor argentino ainda observa que no *Relato de Arthur Gordon Pym*, de Edgar Allan Poe, em passagem que transcorre na Antártica, as pessoas se olham no espelho e desmaiam. Não só: ao escrever um artigo sobre como decorar um quarto, Poe sugere que os espelhos tenham uma dada disposição para que “uma pessoa sentada não se veja repetida”.

Apesar de tomarem o espelho como algo “abominável”, tanto Borges quanto Poe não se aperceberam que as pessoas multiplicadas pelos espelhos são, como diria Evaldo Coutinho, fatalizadas por uma efêmera duração: a do tempo da sua própria exposição diante deles.

Porém, do mesmo modo como os espelhos duplicam a realidade empírica, os sonhos que nascem do sono também duplicam pessoas, coisas e inventam umas tantas outras. A vida não é sonho, como crer Segismundo, personagem de Calderón de la Barca, os sonhos, sim, é que encerram a vida e duplicam-na. “Os sonhos, sonhos são”. Já houve mesmo quem afirmasse que durante o sonho aquele que sonha é o autor, a peça, os atores e o teatro: tudo ao mesmo tempo. Ao sonharmos, sentenciava Borges, “somos, de alguma maneira, dramaturgos”. Mas assim como os espelhos, os sonhos, enquanto ato de dramatização, são também fatalizados por uma efêmera duração: a do tempo do sono. A diferença entre o espelho e o sonho, é que o primeiro, dependendo da sua dimensão, multiplica um ou mais homens, permitindo que eles possam, ao mesmo tempo, compartilhar coletivamente as suas “semelhanças mais semelhantes”. Já os sonhos são existenciados apenas por quem os sonha; narrá-los é, não raras vezes, uma aventura malograda. Quando tentamos lembrar uma narrativa onírica infinitamente longa e rica de imagens, situações e sugestões, as palavras se revelam insuficientes, estão aquém de traduzir aquela experiência única e intransferível.

Espelhos, sonhos, fantasias, travestirmos... Podíamos continuar a falar de todas as tentativas voluntárias ou involuntárias que são perseguidas pelos

homens para dilatar a realidade empírica. No entanto, essas ações e expressões, por mais que se queiram resistentes e perpetuáveis, se fatalizam à efêmera duração da sua cursividade. Dessa forma, parece que só há um modo de sublevar essas ações e expressões, valendo-se dos procedimentos que nos foram ensinados pelo bardo quinhentista: compondo “obras valerosas”, pois é por meio delas que os homens vão se libertando “da lei da morte”.

A literatura e, de forma geral, a arte, tanto busca duplicar a realidade empírica quanto procura ser a mais resistente e perpetuante resposta dada pelo homem ao que ele imputa como as “imperfeições” da criação. Todo escritor se acredita, no fundo, um pequeno Deus; alguém que pode, por meio da palavra, recriar os passos do Gênesis. Afinal, no princípio era o Verbo. No entanto, se a literatura dilata a realidade empírica do mesmo modo que os espelhos, os sonhos, as fantasias e os travestirmos, o que faz um dado texto ser tomado como literário? Por que a literatura, apesar de também duplicar a realidade empírica, não se confunde com as ações proporcionadas pelos espelhos, os sonhos, as fantasias e os travestirmos? Por que essa experiência não se fataliza à efêmera duração da sua cursividade? Vamos por etapas.

Se não temos dúvidas quanto ao estatuto literário de alguns gêneros textuais, já que eles são trans-históricos – como o romance, a epopeia, o conto, a

novela, a poesia e suas formas fixas –, ficamos sempre na dúvida em conceituar outros, como a crônica, o sermão, os textos bíblicos, as cartas etc. Toda essa dúvida fica mais grave quando essa reflexão se dá em um país um tanto que avesso à reflexão teórica, que aposta na ideia de que um texto é literatura porque foi convenicionado como tal ou se aprendeu dessa forma na escola (ou na vida) e assim é, ou deve ser, se lhe parece.

Vamos ao desafio dentro do espaço que me foi dado. De todas as definições que venho colhendo sobre o que é literatura, nenhuma, *stricto sensu*, parece dar conta de tal empreitada. Todos os conceitos, por mais sedutores que pareçam, deixam furos teóricos. Uns, porque se firmam em cima de pressupostos muito etéreos, a exemplo de tomar literatura pela “expressão

HALLINA BELTRÃO SOBRE FOTO DE ALEXANDRE SEVERO



linguística apurada” ou pela “atração envolvente do estilo”; outros, porque buscam definir a linguagem literária por seu caráter denotativo: a chamada literariedade do texto; por fim, há aqueles que defendem o caráter receptivo do texto: literatura é aquilo que o leitor acha ou acredita ser literatura. Se cada um desses conceitos tem sua validade e atende um determinado conjunto de gêneros textuais, eles, por sua vez, se revelam insuficientes para encerrar a totalidade das obras que são tomadas como literatura. Encontramos o uso de recursos retóricos em todo e qualquer texto (científico ou literário), assim como a linguagem denotativa não é privilégio da literatura (vide as obras filosóficas ou religiosas) e muito menos o leitor é, como se acredita, tão autônomo assim para dizer o que é ou o que não é literatura.

Mas, então, quais elementos definem esse conjunto de obras, tornando-as frações de uma mesma família? Creio que são quatro as partes que, em conjunto (e não individualmente), definem um texto literário: a intencionalidade do autor (o estatuto histórico-temporal da obra); a ficcionalidade do texto (a unidade dos gêneros literários); a verdade e a realidade textuais (o caráter imanente do texto); os significados e significações do texto (sua condição trans-histórica, seu estatuto artístico). Vamos por etapas.

Primeiro: a “intencionalidade” do autor. Vamos nos ater ao que se denomina, dentro dos chamados “atos de fala”, de “atos ilocucionários”, ou seja, os atos de fazer enunciados. No caso de um escritor literário, não nos interessa a sua intenção ilocucionária última, isto é, o que ele quis que se entendesse com o seu texto ou enunciados (como nunca vamos saber qual é a “verdade” derradeira do autor, voltamos-nos, enquanto leitores, para a análise e interpretação da sua obra), mas da sua intenção no nível “mais básico”: o que o filósofo John R. Searle chama de as “intencões ilocucionárias que o autor tem quando escreve ou compõe o texto, de maneira que seja”. No caso, “identificar um texto como romance, poema ou mesmo como texto, já é afirmar as intencões do autor”. Observando que essas marcações são dadas não só por quem o compôs, mas também por quem o editou. Alguém escreveu uma obra e a denominou de

romance, conto ou novela e, como tal, ela foi publicada por um dado editor. Assim, toda a composição visual da obra traz marcas das intencões do autor, reiterada por seu editor: a orelha e a contracapa que enunciam e explicam sobre o que versa o livro; o local que, dentro de uma livraria ou biblioteca, lhe é destinado; as resenhas de jornais e revistas que lhe são consagradas. É dessa maneira que a obra chega ao leitor: identificada, no nível “mais básico”, pelas intencões do autor. É a intencionalidade que dá o estatuto histórico-temporal da obra, explicitando o desejo do escritor por pertencer a uma determinada família espiritual e não a outra.

Segundo: a ficcionalidade do texto. Aristóteles, naquele que é o mais elaborado tratado da antiguidade sobre a poesia imitativa e suas espécies – a *Poética* –, não toma e define as diversas espécies de poesias imitativas apenas por seus elementos essenciais, estruturais e retóricos. Para ele, nada obstante serem aspectos importantes, esses elementos também podem ser observados em outros gêneros textuais. Afinal, não são apenas as poesias imitativas que lançam mão do mito, do maravilhoso, da elocução, dos procedimentos retóricos, do pensamento, do caráter, do reconhecimento, da peripécia, da catástrofe... A diferença entre a poesia imitativa e os demais gêneros textuais está, segundo ele, na substância específica da poesia imitativa, ou seja, em narrar não um fato que aconteceu, e sim “representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade”. É essa substância específica que orienta o “ofício” do poeta, pois, segundo o autor da *Poética*, “não diferem o (ofício do) historiador e o (ofício do) poeta por escreverem verso ou prosa (...) – diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder”. É essa substância específica que urde as diversas espécies de poesia imitativa numa só família: mimetizar a realidade empírica não como se fosse a “semelhança mais semelhante”, mas pela diferença, pela sua recriação. Não se é poeta “pelo metro usado”, diz Aristóteles, mas “pela imitação praticada”. Assim, a substância específica da literatura se concretiza naquilo que os latinos chamavam de “fingere”, fingimento, fingir fazer. Ou seja, a ficção. Eu finjo (palavra que por si já é um verbo intencional) encerrar uma dada realidade e quem me lê finge acreditar no que lê. Assim, a ficcionalidade da obra não se dá por determinadas propriedades textuais, sintáticas ou semânticas específicas, por supostamente existir uma língua poética e uma língua prosaica, como

# CAPA



acreditavam os formalistas, mas “pela imitação praticada”, pela intenção, por parte do escritor, de estabelecer um pacto de fingimento com o seu leitor. Enquanto experiência literária, a ficção já pressupõe, ou tem como base, o estabelecimento de um pacto de fingimento entre o emissor e o receptor, entre quem escreve dada obra e quem lê tal livro. Pacto que se estende tanto para o campo dos gêneros narrativos (epopeia, novela, romance, conto e drama) quanto para as formas poéticas (o poeta “chega a fingir que é dor a dor que deveras sente”, ensina-nos Fernando Pessoa). É por meio desse fingimento que eu tomo a realidade empírica e a recrio numa realidade segunda: a do fingir fazer. Assim, a realidade inscrita na literatura pode se decifrar pela realidade empírica, mas não se confunde mais com ela.

Terceiro: a verdade e a realidade textuais. Como resultado dessa substância específica – a mimesis – que se concretiza na intencionalidade do fingir fazer, é que o universo literário encerra uma verdade e uma realidade puramente textuais: o de “representar o que poderia acontecer”. Não há nenhuma possibilidade do leitor de Machado de Assis se deparar com Bentinho ou Brás Cubas na esquina da sua casa (salvo os casos de esquizofrenias). É esse estatuto de uma ficcionalidade puramente textual que urde escritores dos tempos mais diversos, fazendo com que Homero dê as mãos a Ovídio; este, a Dante; Dante, a Shakespeare; o bardo inglês, a Machado de Assis e o velho bruxo, a Nelson Rodrigues. Todos eles contam histórias ou viven-

ciam aventuras (como é o caso de Dante) que só existem no campo textual; histórias que podem se decifrar pelo referente, mas que não dependem deste para calçar suas verdades e realidades, pois, ali, no campo textual, a realidade empírica foi dilatada, duplicada, ficcionalizada, colocada em suspensão.

Quarto: um texto carregado de significados e significações. Se a substância específica da literatura é a ficção e se a sua verdade e realidade são puramente textuais, isso não significa que essas sejam especificidades apenas da literatura, pois nem toda ficção é literatura, a exemplo do romance policial. Por que? Porque a literatura além de se concretizar na intencionalidade do fingir fazer, tem, como qualquer gênero artístico, o objetivo de criar uma realidade e uma verdade textuais que sejam (para parafrasear o poeta Ezra Pound) carregadas de significados e significações até o máximo grau possível, sem que isso implique, necessariamente, determinadas propriedades sintáticas ou semânticas específicas (vide as narrativas realistas ou naturalistas). Como ainda observa John R. Searle, “qualquer um que sustente que a ficção contem atos ilocucionários diferentes dos contidos na não ficção compromete-se com a concepção de que as palavras não têm, nas obras de ficção, seus significados normais”. É essa condição de realidade e verdade textuais carregadas de significados e significações que confere à literatura não só a sua condição trans-histórica, mas o seu estatuto artístico. Já nos romances policiais clássicos a descoberta do assassino encerra a história em si. No

HALLINA BELTRÃO SOBRE FOTO DE ALEXANDRE SEVERO



entanto, sabemos que compor uma realidade e uma realidade textual carregadas de significados e significações não é um privilégio das artes ou da literatura: obras religiosas ou filosóficas estão também carregadas de significados e significações. A diferença entre estas e os gêneros literários, é que aqueles

textos não foram criados com intenções ficcionais e, por extensão, não constroem verdades e realidades puramente textuais.

Concluindo, podemos dizer que 99% dos livros que são acatados como literatura encerram todos esses quatro pressupostos. E os demais, a exemplo dos livros de Montaigne, Antônio Vieira, Euclides da Cunha ou Gilberto Freyre, também tomados por alguns críticos como literatura? Nestes casos, podemos dizer: 1°) a substância específica dessas obras não é a mimese. 2°) esses livros se referem a fatos, pessoas e valores que se apoiam na realidade empírica. Logo, não são fatos e pessoas puramente textuais. 3°) o pacto de intencionalidade estabelecido com o leitor não é o do fingimento, mas o da verdade: seja ela a “verdade” perseguida pela ciência e a filosofia, seja a da teologia ou das Escrituras. Se esses autores faltam com a verdade nos seus textos, eles estão mentindo, e não criando ficção, pois o avesso da verdade é a mentira; já o avesso de fingir é “desenganar”, no sentido de “esclarecer”. Por fim, o único elo entre essas obras e os gêneros literários seria a suposta qualidade retórica dos seus textos, as supostas propriedades sintáticas ou semânticas especifi-

cas. Porém, essas não são necessariamente propriedades (específicas) da literatura, são procedimentos que podemos encontrar ou não num texto literário, assim como também em uma obra filosófica, religiosa ou de ciências exatas. O que torna um texto literário uma dada realidade carregada de

significados e significações é o modo como ele exclui do seu horizonte a “semelhança mais semelhante” e plasma um dado universo textual.

Assim como os sonhos recriam a realidade empírica, criando um mundo onírico próprio e passível de várias interpretações, a literatura também constrói possibilidades e situações que só são possíveis no campo da ficção. No caso, é quando, intencionalmente, um escritor dilata, duplica, ficcionaliza e coloca em suspensão a realidade empírica. A literatura é uma das únicas possibilidades – ao lado de outros gêneros artísticos – que temos de sonhar acordado; de sonhar o sonho de quem sonhou aquele dado poema ou romance; de nos irmarmos não apenas com o autor do sonho, mas com todos os demais que se inscreveram em tal sonho por meio da leitura. A literatura, assim como a Arte, não se fataliza à efêmera duração do ato da leitura; esse ato será resistente e perpetuável enquanto houver quem, abrindo um livro, se disponha a sonhar acordado e, por sua vez, desenvolver novas interpretações desse sonho.

**Anco Márcio Tenório Vieira** é professor do Departamento de Letras da UFPE.

## PERFIL

# Sem homens assim, não há vida noturna

Jornalista topa a empreitada de decifrar a lenda por trás dos “Irmãos Evento”

Samarone Lima



**Quando recebi a pauta,** achei que seria mais fácil que tocar *Asa branca* em flauta doce. Fazer o perfil psicológico e sentimental dos “Irmãos Evento”, figuras que se tornaram famosas em todos os principais eventos sociais do Recife, a partir do final da década de 1970.

Os dois judeus, Joel e Abrahão Datz, ficaram tão famosos, eram tão ativos, abnegados e devotos na missão de comparecer a eventos, que se transformaram em uma espécie de ISO-9000 de festas, exposições, lançamento de livros e tertúlias mais movimentadas. “Até os Irmãos Evento estavam lá!”, era a garantia de que realmente a coisa tinha dado certo.

O problema é que não sou muito de festas, e desde a morte de um deles, em 1995, o outro perdeu naturalmente a vitalidade orgânica de quem tem um irmão envolvido na mesma aventura. Fui a dois lançamentos e uma exposição, e nada. No Jornalismo, dizemos que a pauta “furou”.

Fui salvo por um telefonema, no final de uma tarde de novembro.

“O Irmão Evento está aqui na Sinagoga!”.

Era muita sorte. Um evento em uma Sinagoga, para quem tentava escrever o perfil de um judeu.

Cheguei à Sinagoga Kahal Zur Israel, na Rua do Bom Jesus, Bairro do Recife, à procura do meu personagem. Das últimas vezes que o tinha visto, estava sempre só, tinha engordado bastante, caminhava para algum lugar improvável, e me parecia triste ou cansado.

Ele estava na abertura da exposição *Quadros distantes de uma identidade*, recuperação de um acervo referente à imigração judaica em Pernambuco. Era bem prová-

vel que, ao final, houvesse aquele momento mágico que os Irmãos Eventos ficavam saltitantes – o ataque efusivo e nada discreto aos salgadinhos.

Na sala pequena, onde acontecia a exposição, estavam umas 30 pessoas. De longe, por um vidro, vi Joel ou Abrahão, nunca consegui distinguir quem era quem. Como a maior parte da minha geração, jurava que eram gêmeos.

Vestia uma camisa polo azul, com aquele risquinho pra cima da Nike, calça marrom, sapato social e a indefectível sacolinha da Livraria Cultura. O efeito de ser apenas um remanescente da marca “Irmãos Evento” resultou em uma barriga de bebedor de chope. Está calvo na parte de cima da cabeça e tem aqueles cabelos branco-amarelados, que descem até a nuca, lembrando um pouco aqueles hippies sem pátria, que seguem pela tangente.

Então me aproximei da minha pauta. Só não sabia por onde começar, porque os IrmãosEvento nunca foram muito chegados a jornalistas. Se dissesse “olha, preciso de uma entrevista para um perfil”, a conversa acabaria no primeiro salgadinho.

O gelo só quebrou quando o garçom se aproximou, com os quitutes judaicos. Joel (ou Abrahão) conversava com um homem, que pegou a carteira e disse que iria lhe dar um cartão.

“Olha, vou pegar um quitute para você”, disse Joel, estendendo as duas mãos como guindastes, por cima dos ombros de alguém.



RAUL LUNA

• Peguei um para mim e perguntei •  
• o nome da comida.

• “É um Fruden”, respondeu Joel (ou Abraão), extremamente gentil, como se me conhecesse de algum lugar.

• “É um doce que é servido em todas as principais cerimônias. Em todo casamento tem”.

• O amigo dele começou a circular pela exposição, e Joel emendou a conversa. Me mostrou um documento oficial do casamento judaico, uma espécie de contrato.

• Enquanto falava, mandava ver nos salgadinhos. Lá pelas tantas, perguntei pelo falecido irmão.

• “Ele morreu em 1995. Saímos de um evento ali perto da Praça de Casa Forte, ele se sentiu mal, caiu na praça mesmo. Foi coração. Tinha 52 anos”.

• Para Bione, fundador do clássico *Papa-figo*, em 1984, a morte de Abraão jogou de vez por terra a tese de que “caminhar faz bem para a saúde”.

• “Eles só andavam a pé. Saíam do Bairro do Recife, iam ao Centro de Convenções, viviam caminhando, e o cara morreu de infarto!”

• Depois de alguns quitutes, eu precisava ir ao ponto essencial de qualquer reportagem, perfil, crônica – o óbvio.

• Perguntei a quantos eventos eles iam por dia.

• “Na época áurea, a gente chegava a ir a oito eventos por dia”.

• “Eu sempre consultava eles. Os caras eram duas agendas ambulantes”, lembra Bione.

• Joel mastigou um bolinho que esqueci de anotar o nome e completou:

• “A gente ia a pé mesmo. Andávamos a cidade inteira. Uma vez perdida, a gente pegava um ônibus. As pessoas paravam, ofereciam carona, mas a gente preferia seguir a pé mesmo”.

• A tática para mapear os eventos era simples. Olhavam os jornais, tomavam notas, e se organizavam, para fazer o circuito estabelecido no dia. Quando insistiam

• muito num convite, eles acabavam dando uma passadinha.

• Já nesse primeiro encontro, resolvi um problema existencial que me persegue desde o final dos anos 1980, quando cheguei ao Recife. Eu tinha certeza que eles eram gêmeos.

• Abrahão, o que morreu, tinha cinco anos a mais que Joel. Eram apenas irmãos idênticos.

• “O que morreu era o mais alto”, é tudo o que me informaram minhas fontes, antes de começar minha procura pelo irmão que está vivo.

#### FAMA E PATROCÍNIO

• Tarcísio Pereira, ex-dono da lendária Livro 7, lembra que o batismo oficial da dupla aconteceu num dos carnavais do Nóis Sofre Mas Nóis Goza, na rua Sete de Setembro.

• “Mande fazer uma faixa grande, escrito “Irmãos Evento”, botei eles em cima do caminhão e coloquei a faixa. Então colou”.

• A dupla ganhou tanta fama na cidade que uma loja grande do Recife, de malhas, ofereceu um inusitado patrocínio.

• “Eles só tinham que ir aos eventos usando a camisa fornecida pela malharia. Do lado esquerdo, tinha o anúncio. Era uma camisa azul escura, Polo. Dizem que eles recebiam uma ajuda para se locomover”.

• Como eram frequentadores habituais de sua livraria, Tarcísio fez amizade com a dupla, chegou a cogitar um anúncio da Livro 7, no mesmo molde, mas desistiu. Meses depois, não se sabe exatamente o motivo, a empresa desistiu do negócio e encerrou o contrato, que era de boca mesmo. Durante um tempo, os Irmãos Evento usaram a camisa ao avesso.

• Perguntei a Joel sobre o patrocínio da Casa das Rendas. Ele acrescentou que foram garotos-propaganda de outras empresas, como a cervejaria Brahma.

• “A gente tinha só que usar a camisa”, disse, com um bom sorriso e o olhar de lince a qualquer movimento em falso dos garçons.

• Saímos da sala pequena, fomos para um espaço mais amplo. Joel contou então a gênese da marca “Irmãos Evento”.

• “Meu irmão tocava violino, eu acordeom. A gente tocava, depois as pessoas chamavam a gente para ir a outros eventos, começamos a ir”.

• Eles pegaram gosto pela brincadeira. Ao que tudo indica, a brincadeira também pegou gosto por eles. Como iam sempre, se tornaram parte da paisagem cultural de um Recife instigado e vigoroso, no período pós-ditadura.

• “Com o tempo, passaram a convidar a gente para tudo, até para casamento. A gente dizia: Mas não temos paletó! As pessoas respondiam: Ariano Suassuna também não tem e vai aos casamentos!”.

• Eles tinham lá suas táticas. Escolhiam sempre lugares mais “abertos” para ir, que não exigiam convite ou pulseiras das cada vez mais espaçosas e disputadas salas VIPs de hoje.

• A fama espalhou-se de tal forma, que a partir de certo momento, os eventos da cidade precisavam de uma chancela física: a presença daqueles dois irmãos judeus, barbas de eremitas, um mais alto que o outro, sujeitos que não eram muito de beber, de falar alto, não gostavam de confusão, que não perdoavam uma bandeja, criaturas que ficavam pouco tempo num lugar, o suficiente para marcar presença, que depois seguiam em uma obsessiva peregrinação para outro evento, a pé.

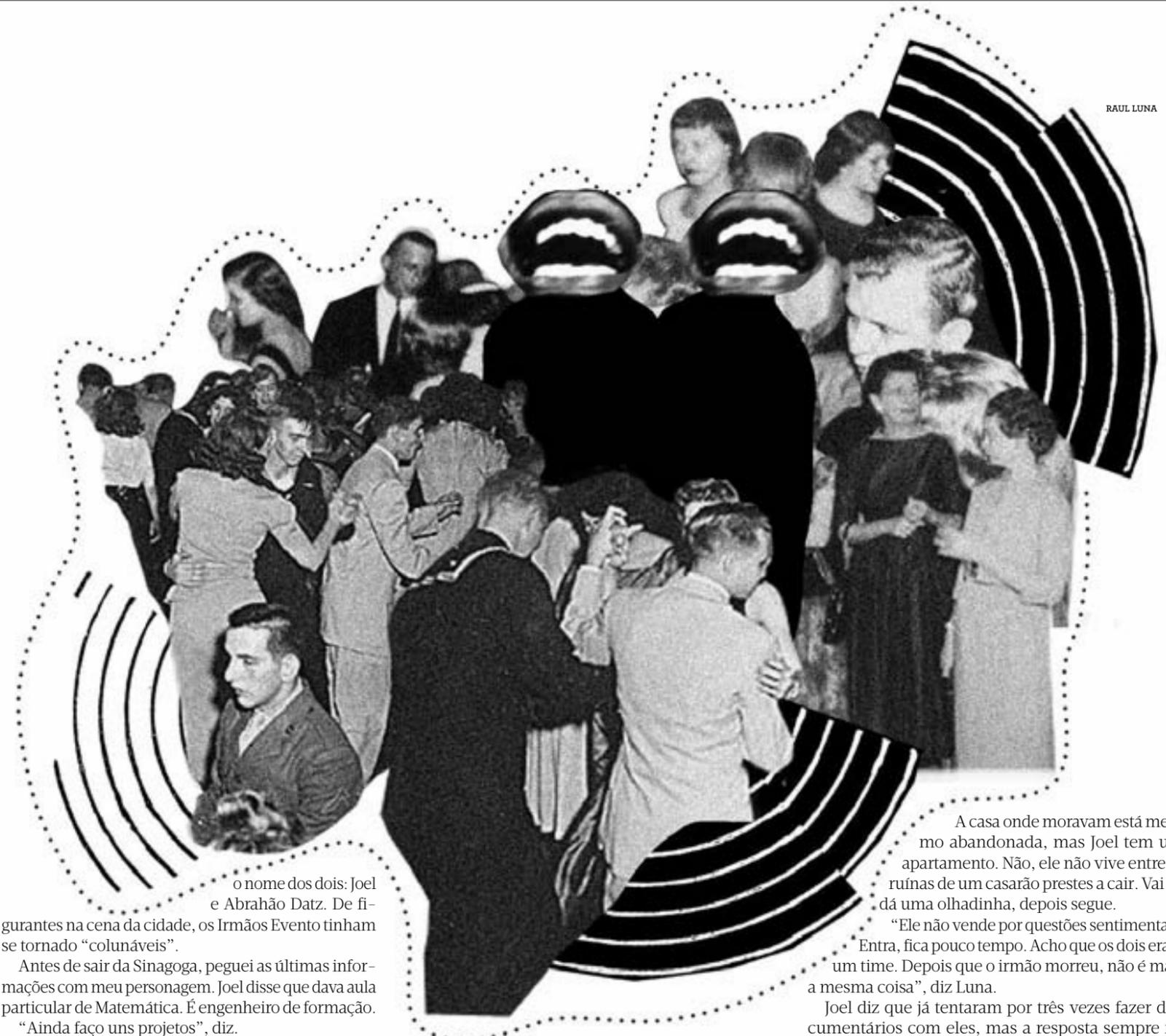
• “Chegou a tal ponto, que em um evento fraco, as pessoas diziam: Foi tão ruim que nem os Irmãos Evento apareceram”, diz Tarcísio.

• O cineasta Rafael Luna Filho convidou Joel para ser ator do seu curta *Eisenstein*, em 2005. Ele aceitou, participou das gravações, fez o papel de um professor mas a cena acabou não entrando.

• “O peso do personagem é porque ele era um Irmão Evento. A graça era essa”, diz.

• Ele recorda que em 1993, abriu o livro *Sociedade pernambucana*, do colunista social João Alberto, e encontrou

## PERFIL



o nome dos dois: Joel e Abrahão Datz. De figurantes na cena da cidade, os Irmãos Evento tinham se tornado “colunáveis”.

Antes de sair da Sinagoga, peguei as últimas informações com meu personagem. Joel disse que dava aula particular de Matemática. É engenheiro de formação. “Ainda faço uns projetos”, diz.

### ÉPOCA ÁUREA

Depois da conversa inicial, senti que a matéria começava a existir. Na semana seguinte, atravessando o Paço Alfândega rumo a um café com um amigo, vi de longe um braço levantado. Um sujeito com barriga de bebedor de chope, camisa azul da Nike etc. Era Joel, na abertura da exposição de arte sacra da Arquidiocese de Olinda e Recife, intitulada *100 anos de missão a serviço da vida*.

“Tem uns salgadinhos ali”, antecipou, enquanto mastigava algo.

Descobri imediatamente o caráter ecumênico do Irmão Evento. Um dia está numa exposição na Sinagoga, no outro, metido entre os católicos, cascavilhando uma coxinha de buffet.

Conversamos mais um pouco. Com algumas pessoas que eu tinha falado, levantando informações sobre a pauta, havia sempre uma referência à casa deles, na Praça Chora Menino. Na verdade, um casarão abandonado, que “mais parecia o cenário de Clube da Luta”, como disse Rafael Luna.

Joel disse que depois da morte do irmão, vai muito pouco lá.

“Tem também uma Brasília velha, que está se acabando”, contou meu bom personagem.

A morte do irmão, como era de se esperar, teve uma grande repercussão na vida de Joel.

Era novo (52 anos), caminhava muito, tinha saúde. “A gente caminhava muito mesmo. Na época áurea, eu pesava 60 quilos. Agora estou com 90”.

“Senti que ele estava muito reticente em falar das coisas do passado”, conta Rafael Luna. “Entendi que essa coisa folclórica dos Irmãos Evento não era muito agradável. Eu conversava outras coisas com ele”.

A fama dos Irmãos tem também a ver com uma época áurea do centro do Recife, uma vida intelectual que passava por lugares emblemáticos, varridos da arquitetura da cidade e transformados em recordações – quando muito, reflexões.

O trecho que recentemente foi palco de rugas entre a Prefeitura e a legião de camelôs de produtos piratas – espinafrados para outros lugares –, nos anos 1970 e 1980 era conhecido como “Quartier Latin”.

A Rua Sete de Setembro abrigava as livrarias Livro 7, Síntese e Saraiva. No Beco da Fome, os poetas independentes entornavam quatinhos de Pitú e declamavam suas novidades, ao lado das livrarias Dom Quixote e Quilombo. Ali perto, funcionava a Disco 7.

Ali perto, atrás do Cinema São Luís, bares pequenos e inventivos: Verde Que te Quero Verde, Sócrates e Ora Bolas. Na hoje arruinada Avenida Conde da Boa Vista, tinha o bar Olho Nu, onde surgiu a Banda de Pau e Corda, fora o Mustang. Atrás dele, funcionava um bar onde os garçonetes atendiam vestidas de índias, com os peitos de fora, arrancando suspiros de muitos marmanjos. Onde hoje há uma agência do Bradesco, funcionava a Funny’s, uma elogiadíssima batata frita. As redações do *Jornal do Commercio* e *Diário de Pernambuco* funcionavam no centro. As sucursais tinham uma presença forte em Pernambuco, como o *Jornal do Brasil*, na rua do Riachuelo, o *Globo*, no Cículo Católico, além de *O Estado de S. Paulo*.

Jornalistas, artistas plásticos, escritores, artistas, se encontravam com rara frequência em diversos lançamentos de livros, vernissages, festas, edições do *Papa-figo*. Tudo parecia conspirar para que a presença ostensiva daquela dupla ficasse impregnada na memória da cidade.

“A gente começou a botar umas fotos, dizia que eram eles, os irmãos ficavam orgulhosos. Eram fãs do *Papa-figo*. Não perdiam um lançamento”, diz Bione.

As muitas especulações envolvendo os Irmãos Evento esbarram no caráter reservado dos dois, na morte súbita morte de Abrahão, na solidão que restou a Joel. Há quem diga que eles não comiam em casa, aproveitando as aparições noturnas para atacar as bandejas. Que teriam uma loja de parafusos na Rua da Praia, que vive fechada.

A casa onde moravam está mesmo abandonada, mas Joel tem um apartamento. Não, ele não vive entre as ruínas de um casarão prestes a cair. Vai lá, dá uma olhadinha, depois segue.

“Ele não vende por questões sentimentais.

Entra, fica pouco tempo. Acho que os dois eram um time. Depois que o irmão morreu, não é mais a mesma coisa”, diz Luna.

Joel diz que já tentaram por três vezes fazer documentários com eles, mas a resposta sempre foi negativa.

“Três pessoas diferentes quiseram fazer, mas nunca aceitamos. A produção do Jô Soares convidou a gente para uma entrevista, mas não fomos”.

Um dos lemas da dupla – que segue com Joel – é simples.

“Jornalistas? Não”.

Quase no final do difícil trabalho de apuração, encontrei novamente meu personagem. Ele chegou atrasadíssimo, no final da abertura da exposição sobre os *40 anos do Movimento Armorial*, novamente no Paço Alfândega.

Quando me viu, veio falar comigo. Usava a camisa azul da Nike, novamente.

“Ariano está por aí?”, perguntou.

“Saiu agorinha”.

Ele lamentou muito.

“Ariano gosta muito de mim”.

Ariano Suassuna me contou que no seu aniversário de 60 anos, os Irmãos Evento foram.

Foi uma celebração na Rua do Chacon, em Casa Forte. Alguém gravou as imagens. Joel e Abrahão aparecem no documentário.

“O que um dizia, o outro completava dizendo: Concordo com tudo o que ele disse”.

Desolado com a partida de Ariano, Joel mandou ver nos salgadinhos.

Lembrei que em nosso primeiro encontro, na Sinagoga, Joel tinha me confessado algo que interessa muito ao mercado editorial.

“Estou escrevendo um livro sobre todas essas nossas coisas”.

Depois arrematou.

“Estou no segundo volume. Escrevo tudo à mão, num caderno”.

Olhou para mim, deu um sorriso e finalizou dizendo o que, de certa forma, todo mundo especula e espera.

“É muita história”.

**Samarone Lima** é jornalista.

## CRÔNICA

KARINA FREITAS SOBRE FOTO DE ADELAIDE IVANOVA



## Este texto é uma legenda das 23.094 fotos que fiz de você

Adelaide Ivanova

Um dia Armin estava fazendo carinho em mim com uma canetinha hidrocor, arrastando-a para cima e para baixo no meu braço.

E eu fiquei olhando para aquele homem: ele tem aquele contorno certo de quem come pouco e vive errando. Tem todos os músculos desenhados, e uns ossos que pulam aqui e ali e umas veias de Angelina Jolie, grandes, saltadas, coisa de gente que, afinal, não leva uma vida saudável.

Ele tem cor de leite Cilpe com uma gota de café.

Mas, sobretudo (sim, sobre toda ela), ele tem a pele coberta de sinais. De todas as cores – bege-claro, bege-escuro, rosa, marrom. Eu gostava de olhar para elas, e entendê-las, como judeu conta a primeira estrela da sexta-feira e agradece que ela está ali. Uma vez eu quis juntar os pontos com a mesma canetinha hidrocor, para ver o que aparecia. E ele disse: “É a constelação de Andrômeda que vai aparecer”.

O negócio é que sobre esse homem recaía toda minha vontade de ter poesia; todo meu romance. Enquanto a bússola não era inventada eram elas, as estrelas, que guiavam os viajantes. E, como

aos navegadores, guiados pelas constelações, a Andrômeda do peito dele guiava meu navegar. Eu passei longos períodos no meio do mar, contando apenas com aquela Andrômeda. Aceitando que ela nem sempre aparecia... E, no fim, oh yeah, fiquei a ver navios (Ah, que engraçada!).

A metáfora da pele de Armin está aí: estava nele minha orientação, meu movimento.

Quando eu dei por mim, virei cartógrafa daquela pele. Repousava sobre Armin, assim, minha inspiração, meu desejo de criar, meu trabalho. Minha câmera, coitada, já não aguentava mais tanta carga emocional. Meu desejo maior era ter, no formato de um álbum de fotografias, um verbo auxiliar para minha memória.

Mas leitorinha, para lembrar de alguém, não se precisa de fotos. Porque a foto carrega em si sua própria praga, que é, na verdade, sua graça: se ela é um auxiliar da memória, e toda memória é uma invenção (diz ela, Lygia Fagundes Telles), essas fotos todas que fiz dele podem evocar qualquer coisa, o que eu quiser. O que eu quiser contar que foi. E todas as fotos só esperam sua vez de ser, por uma legenda,

explicadas ou deturpadas, diria Susan Sontag.

E só o fato de você apontar uma câmera em determinadas situações já é acabar com o que ela deveria fotografar: interromper aqueles cabelos, enquanto ele punha a cabeça para fora do carro para sentir o cheiro dos campos de lavanda na Holanda (sim, ele fez isso, e foi lindo, e não tem foto, e eu me lembro de cada detalhe).

Fotografar isso seria um desaforo.

Como um presságio de tudo o que aconteceu entre eu e Armin, em *Diante da dor dos outros*, Susan fala: “(...) numa imagem uma coisa pode ser bela, de modo como não é na vida real”. Assim, aceitamos: uma foto é uma anotação, é ficção no momento em que existe.

Esse texto inteiro é uma legenda para as 23.094 fotos que fiz deste homem lindo, que anda longe porque eu me movi. Porque, afinal, parei de olhar pro céu e comprei uma bússola. Puxei a âncora, mudei de direção, que meu desejo de movimento é maior que qualquer outro. Ou, como diria Lou Reed: “isso na minha frente não é um muro, é uma porta” (e vai caber minha nau inteira através dela).

Adelaide Ivanova é fotógrafa.

# História, Ciência e Atualidades em bons livros



**Assine.**

Revista Continente.

Conteúdo é tudo.

**0800 081 1201**

e-mail [assinaturas@revistacontinente.com.br](mailto:assinaturas@revistacontinente.com.br)



**EÇA DE QUEIROZ - AGITADOR NO BRASIL**  
Paulo Cavalcanti  
(edição em inglês e português)

*Eça de Queiroz - agitador no Brasil*, de Paulo Cavalcanti, é um livro que amplia a visão da última revolta em Goiana, província de Pernambuco, Brasil, ao examinar a maneira como os pernambucanos reagiram contra o arbítrio e o domínio português.

R\$ 30,00



**O GIRASSOL**  
Garibaldi Otávio

Garibaldi Otávio estreia na literatura com o livro *O girassol*, coletânea de textos de toda uma vida. Mauro Mota observava, já em 1950, que a poesia de Garibaldi Otávio tem "a imagética sem parentesco, o descritivo mais penetrante, tirando sangue da íntima das coisas".

R\$ 40,00



**ESTÃO TODOS DORMINDO**  
Edson Nery da Fonseca

*Estão todos dormindo* é uma coletânea de perfis de personalidades marcantes da cultura brasileira, na qual Edson Nery da Fonseca mescla informações precisas, citações literárias e testemunho pessoal, numa prosa límpida, elegante e envolvente, que transforma o leitor em cúmplice do que narra.

R\$ 30,00



**DE RUAS E INTI-NERÁRIOS**  
Alexandre Furtado

Alexandre Furtado revela que, apesar de jovem, cultivou grande nostalgia de um Recife que não chegou a conhecer, como a época dos bondes e trilhoes, ou cujas referências de arquitetura e lugares que conheceu na adolescência, já se perderam.

R\$ 40,00



**NAS SOLIDÕES VASTAS E ASSUSTADORAS**  
Kalina Vanderlei

A historiadora Kalina Vanderlei descreve como surgiu o Sertão, enquanto espaço sociocultural, enfatizando os personagens que participaram dessa conquista; pessoas pobres e eremítas recrutados pela Coroa portuguesa para combater os indígenas que habitavam a região.

R\$ 30,00



**UM DIPLOMATA E POLÍTICO DO IMPÉRIO**  
Fernando da Cruz Gouvêa

Fernando da Cruz Gouvêa apresenta o conselheiro Sérgio Teixeira de Macedo, presidente da província de Pernambuco, que participou de episódios relevantes do Império, defendendo a liberdade de imprensa, os direitos dos cidadãos e o combate ao tráfico negroiro.

R\$ 30,00



**NOS CAMINHOS DO FERRO**  
Paulo Souto Maior

Paulo Souto Maior destaca o uso do ferro fundido nas construções desde o século 19 e sua popularização após a Revolução Industrial. No Recife, elementos históricos e arquitetônicos identificam edifícios importantes, como o Mercado do São José e outros.

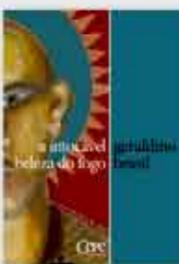
R\$ 58,00



**JARDINS DO RECIFE**  
Aline de Figueiróia Silva

A arquiteta Aline de Figueiróia Silva detalha o surgimento do paisagismo no Brasil, a partir de Burle Marx, e aborda os jardins recifenses do ponto de vista do paisagismo, da arquitetura e do urbanismo, contextualizando-os política e socialmente.

R\$ 35,00



**A INTOCÁVEL BELEZA DO FOGO**  
Geraldino Brasil

Poeta apaixonado pela poesia, humilde, raro e especial, Geraldino Brasil faleceu em 1996, deixando uma vasta produção inédita. Nesta obra, a Cepe Editora o apresenta às novas gerações, publicando 90 poemas, parte dos quais escritos no formato de sextinas.

R\$ 35,00

## LANÇAMENTOS RECENTES



**ESCRITORES PERNAMBUCANOS DO SÉCULO XX**

Zaida Gonçalves Ferreira

Apresenta um resumo de vida e obra de escritores fundamentais na formação da memória cultural de Pernambuco, das mais conhecidas, como Eriq Caneca, a outras menos conhecidas, como Antônio Torres Bandeira, que escreveu poemas de inspiração religiosa e homenagem à cultura brasileira.

R\$ 30,00 (cada)



**PONTES E IDEIAS**  
Cláudia Feres

Digniter de Charles Fourier, Louis Vacher parietos obras moderniza-irmaas no Recife do século 19. O livro mostra seu lado humanista, com base em seu diário e em documentos encontrados na França, que retratam a época e a influência francesa na cultura brasileira.

R\$ 60,00

**Cepe**  
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** [livros@cepe.com.br](mailto:livros@cepe.com.br)

## BONITA DEMAIS

Paulinha sabia ser simples e elegante ao mesmo tempo. Tinha uma simpatia espontânea, mas vinha dela uma força natural, que lhe dava certa formalidade. Tratava todo mundo bem, com consideração, mas sem derramamentos ou intimidades. Quem a via, enxergava uma mulher plena, de bem com a vida, radiante. Naquela sexta-feira ela estava especialmente feliz: iria viajar no final de semana prolongado com os dois filhos, ainda crianças. Preferiu não ir de carro, uma vez que a viagem duraria pelo menos cinco horas e ela não queria se arriscar na direção pela rodovia movimentada. Despediu-se dos colegas de trabalho, sorridente, dizendo graças a Deus, uma folga, ficarei com meus filhos esses três dias. Eu ainda tive vontade de lhe dizer o quanto ela estava bonita, com uma energia leve, contagiante. Mas, por timidez ou por limitação espiritual, não o disse. Tenho dificuldades de elogiar, acho que posso ser confundido, ou tenho insegurança talvez, medo de parecer idiota, fraco. Hoje, diante dessa notícia tão trágica, jogo sobre os ombros a sensação de um prejuízo irreparável. Eu poderia apenas ter dito simplesmente: você é bonita demais.

## A BIO GRAFIA

Às sete horas e quarenta e cinco minutos, após a leitura dos jornais, naquela manhã de 23 de janeiro de 1992, o escritor e jornalista pernambucano Nilo Pereira morreu. Ele tinha 82 anos e foi encontrado numa cadeira confortável, em sua biblioteca, onde sentava-se para leitura na rotina das manhãs.

No momento do ataque cardíaco, estava sozinho. As palavras do jornal amortalharam-lhe o peito, leve cobertor. E os livros, formatando as paredes, foram as testemunhas dos últimos momentos, no alto das estantes. O escritor e jornalista emudeceu em meio às letras, em sua casa, no bairro da Boa Vista.

A morte repercutiu nos jornais do dia seguinte. Nenhum obituário foi correto, por mais que as informações estivessem exatas. Era preciso deixar que os livros falassem por si: citar título por título daqueles volumes que permaneceriam empilhados e silenciosos. Os livros lidos são a única biografia de um escritor.



HALLINA BELTRÃO

## DONA CÉLIA

As dores passavam somente quando aplicavam morfina e era então que lhe vinha uma serenidade de quem estava sorrindo. Dona Célia fora poeta nas horas vagas de sua juventude, em fins dos anos 70. Mas parou de escrever poemas, por falta de tempo. Era sua desculpa. Ninguém a alertou que poesia é joia lapidada e pequena, que pode se perder nas tramas palhentas do cotidiano. E agora era tarde.

As dores, cada vez mais frequentes: é que não havia mais alternativa. Restava ministrar morfina e esperar os dias. As aplicações eram seguidas de aliviadas sonolências. Dona Célia dizia: “Antes de dormir, quero ouvir os poemas de Cecília”. E a filha lia aquelas canções até ela cerrar os olhos, em sutil prazer.

Ou, então, dona Célia dizia: “Hoje, prefiro ouvir Quintana”. E ouvia a delicadeza do que ele dissera, misturando ternura e ironia. E dona Célia agasalhava-se na dor do outro poeta. Os dias eram assim. Até ela dormir. Profundamente.

## A PAIXÃO SEGUNDO CLARICE

As escritoras Clarice Lispector e Nélida Piñon eram amigas como nos velhos tempos da amizade. Algumas coisas Clarice não revelava nem para Deus. Nélida era a primeira a descobrir que a amiga, na verdade, mostrava-se ao mundo despudoradamente na estranheza dos personagens que escrevia.

O que havia em Clarice que Nélida se sentia íntima era o aprendizado dos labirintos e das sombras. O que havia em Nélida, que a outra admirava, era a capacidade sutil de compartilhar as sombras.

Para Nélida, um dia Clarice confessou o que não disse sequer a Deus: tenho uma paixão por alguém, que guardo com muito cuidado e reserva. Nélida era tão íntima que aconselhou: ser escritor é não se negar a nada, ter coragem de viver.

Assim eram as amigas: ouviam-se, eram confidentes, prestavam atenção aos sentimentos mais verdadeiros, com a intensidade que eles exigiam. Misturavam com mão firme a manteiga, o açúcar, o leite e a massa, desse pão que a vida oferece para a gente comer até se fartar.

Clarice morreu. Anos depois, um repórter quis saber de Nélida, quem afinal era o grande amor inconfessável de Clarice. E Nélida respondeu: eu sei quem é, mas se um dia eu confessar, as pessoas ficarão sabendo de que massa é feito o poder oculto dos mistérios.

Nesta seção, foi respeitado o texto original dos autores

### SOBRE O AUTOR

Cícero Belmar é escritor e jornalista, autor de, entre outros, *Tudo na primeira pessoa* (contos) e *A flor e o sol* (teatro)

# FISIOLOGIA DA MEMÓRIA

## I

Descobri a razão do meu incômodo com os escritores claros: eles não têm problemas de memória. A limpidez denuncia uma inteligência simplista. Quem chora porque não consegue verbalizar um trauma é uma pessoa profunda. Eu estou muito apaixonado por uma mulher profunda.

Descobri meu incômodo com os escritores claros na Polônia. É uma lembrança muito nítida. Senti, a mais ou menos quinhentos metros de um pequenino terminal de ônibus na Cracóvia, a solidão mais intensa da minha vida.

Um ano depois, quando resolvi resgatar na memória o momento mais solitário da minha vida, percebi que a sensação não é ruim. Ela não me faz sofrer.

Eu estou sentado em um banco sozinho. Não há ninguém por perto e nenhum som. Muito longe, percebo que duas senhoras estão em um banco idêntico ao meu. É um quadro.

A solidão é física. Ela causa uma falta de ar moderada e um tênue formigamento nas pernas. O estômago fica pesado e a vista embaça. Não é possível descrever uma solidão muito intensa.

Lembro apenas da minha imagem na Cracóvia, em 2005. Não é uma lembrança ruim. As recordações que me torturam não são imagens congeladas, mas filmes de mais ou menos três minutos. Tenho quase dez na cabeça. De vez em quando eles retornam e me causam um sofrimento muito forte.

## II

A minha lembrança mais sofrida dura três minutos. Ela se passa em Buenos Aires, especificamente no Aeroporto de Ezeiza, onde Perón causou um massacre ao retornar do exílio em 1973. O taxista me contou que se lembrava daquele dia: ele estava em casa assistindo à televisão. De repente, cortaram.

Minha lembrança começa quando ele disse pode deixar que eu pegue e vai até quando vejo o corpo dele desmaiado, no meio-fio do estacionamento do aeroporto de Ezeiza, bem ao lado da minha mochila. Ele é careca e gordinho. Minha bagagem está pesada porque comprei um monte de livros.

Embarquei na Plaza San Martí e quando passamos por trás da Casa Rosada, perguntei-lhe se é verdade que há um túnel ligando a sede do governo a algum outro lugar. Onde é o final do túnel?

Ele me olhou surpreso e deu uma explicação estranha. Não entendi muito bem. O taxista, então, me disse que se eu tivesse tempo, pelo mesmo valor da corrida até o aeroporto de Ezeiza, ele me levaria a alguns dos pontos de Buenos Aires que se tornaram históricos por causa de Evita.

Aceitei e no final da corrida, um pouco antes de se oferecer para pegar minha mochila, já no aeroporto onde Perón causou um massacre em 1973, ele me disse que o Museo Evita vale um passeio. O Museo Evita vale um passeio.

Depois ele afirmou que pegaria minha mochila. A partir daí, lembro-me de tudo. De vez em quando a recordação volta e eu sofro. Ele estaciona o carro, fala um pouco mais sobre a primeira dama mais extraordinária que o mundo já teve e sai. A porta dele se fecha antes que eu abra a minha. Ele vai até a parte de trás do carro, tira com algum esforço a bagagem e depois, ao fechar a porta, acerta-a com toda força na própria cabeça. Quando o encontro desmaiado junto da minha mochila, percebo que há algum sangue logo acima da testa.

## III

Não é uma lembrança estática. Com essas, sofro menos. Não me incomoda lembrar o momento mais solitário da minha vida. Eu estava sentado em um banco na Cracóvia, sozinho e sem entender uma palavra da língua dos poloneses. A quinhentos metros, duas senhoras estavam em um banco idêntico ao meu. É um quadro.

Em Ezeiza, o taxista está desmaiado ao lado da minha mochila. Ela caiu tombada e o corpo dele se estende entre a minha bagagem e o carro. O porta-malas continua aberto. Algumas pessoas já se aglomeram, mas estamos naquele instante em que ninguém se move. Todos nos certificamos de que o taxista acertou mesmo a porta na cabeça. Apenas isso. Apenas isso e não um tiro ou um atentado (era dezembro de 2003). Estou parado na calçada a um metro e meio dele. Enxergo claramente a pequena mancha de sangue, imóvel e escura, um pouco acima da testa. Há alguns outros táxis parados, nenhum muito perto. Faz um dia de muito sol e eu recordo, agora, que o suor acaba fazendo minha camiseta colar-se à pele das minhas costas. O taxista veste uma camisa azul por dentro da calça jeans, apertada por um cinto cáqui já envelhecido. Ele tem uma barriguinha. Minha mochila é verde, com alguns detalhes vinho. Não fechei o zíper de um dos compartimentos laterais. O asfalto da rua parece novo e o piso da calçada está bem cuidado. Não há lojas naquela parte do aeroporto. Acho que estou próximo ao ponto de ônibus. Não tenho nada nas mãos, o que hoje acaba sendo um problema, já que não consigo lembrar onde está a mochila menor que eu carrego para todo lado. No caminho até Ezeiza, onde Perón, ela com certeza veio no meu colo.

Então alguém se move em direção ao taxista, desmaiado entre o carro e a minha mochila.

## IV

Voltei a Buenos Aires em fevereiro de 2004. Antes de sair do aeroporto, fui ver o local onde o taxista desmaiou. No caminho, sofri muito. Fiquei com dificuldade para respirar, minhas mãos coçaram um pouco e meus olhos, o que sempre acontece quando estou em um momento difícil, começaram a projetar uma tensão estranha acima das sobrancelhas.

Tive que parar e respirar fundo várias vezes durante o trajeto. Quando cheguei, consegui identificar perfeitamente o ponto onde o taxista desmaiou. Ele morreu. Ele não morreu, mas para mim ele tinha morrido. Sentei-me sobre a minha mochila, que ficou tombada no mesmo lugar que o corpo dele, e senti muita vontade de chorar. Mas não chorei. Eu não gosto de chorar.

Depois de alguns minutos, um taxista se irritou comigo, pois queria estacionar. Ele buzinou e eu fui embora.

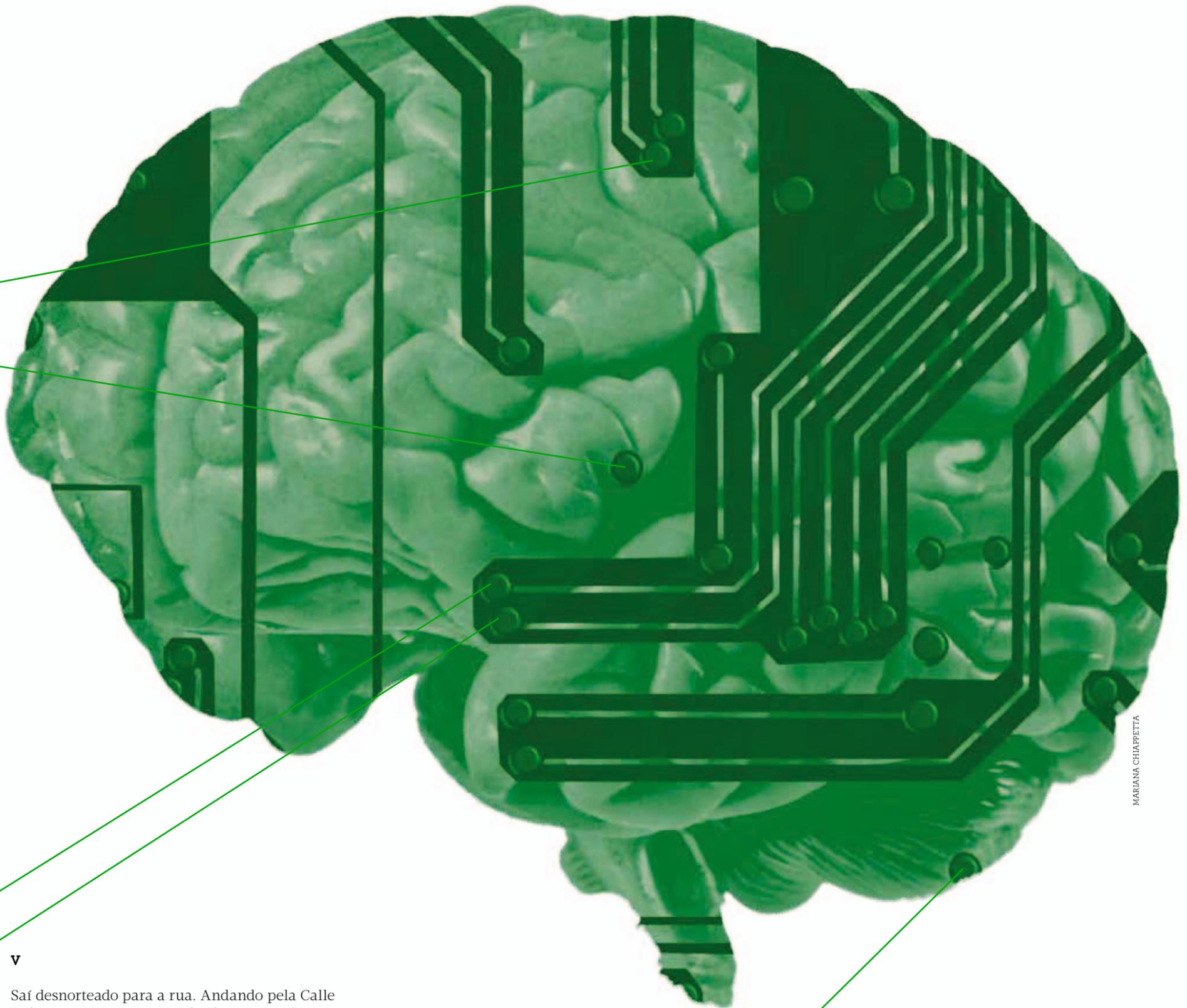
Naquele mesmo dia, fui ao Museo Evita. Fica na Calle Lafinur, acho que em Palermo Viejo. Não tenho certeza sobre Palermo Viejo, mas toda quanto à Calle Lafinur. Calle Lafinur. Calle Lafinur.

O Museo é fraco e quem já visitou alguns pontos de Buenos Aires que se tornaram históricos por causa da primeira dama mais extraordinária que o mundo já teve não vai aprender muito. Mas achei linda uma das imagens de Evita com Perón, logo na primeira sala. Apesar da proibição, consegui fotografá-la.

Quando baixei a imagem no meu laptop, de volta ao hotel no centro de Buenos Aires, notei que o anel que Perón tinha acabado de dar a Evita desaparecera. Retornei no dia seguinte à Calle Lafinur, e de fato o anel tinha sido roubado da imagem do Museo também.

### SOBRE O AUTOR

Ricardo Lísias é autor de, entre outros, *O livro dos mandarins* e *Anna O*, e outras novelas



MARIANA CHIAPPETTA

## V

Saí desnortado para a rua. Andando pela Calle Lafinur, tropecei no meio-fio duas vezes. Eu não conseguia parar de olhar para as mãos das argentinas. Em fevereiro de 2004 elas tinham dedos muito feios.

Algumas usavam um anel. A maioria não. Pouquíssimas tinham mais de um na mesma mão. Não olhei para as duas mãos de uma mesma mulher da Lafinur. Acho que nas outras ruas fiz isso algumas vezes. Na Callao, de fato terminei caindo no chão.

Não desmaiei. Levantei muito rápido e continuei olhando para as mãos das argentinas. Algumas usavam um anel, mas pouquíssimas tinham dois na mesma mão. Não me lembro de ter visto ninguém com três anéis em apenas uma das mãos. Nem na Calle Lafinur e nem em nenhuma das outras ruas.

Infelizmente, não encontrei o anel de Evita. Em fevereiro de 2004, nas ruas do centro de Buenos Aires, ele não estava nos dedos de nenhuma mulher argentina. Olhei para as mãos de todas no perímetro da Lafinur até Puerto Madero. No perímetro da Lafinur até um dos lugares mais cafonas da capital argentina.

Não encontrei o anel que Perón deu para a primeira dama mais extraordinária que o mundo já teve. Na rua, as argentinas movem as mãos muito devagar. Vi que elas usavam um anel, é verdade, mas pouquíssimas colocavam dois na mesma mão.

E nenhuma, absolutamente nenhuma, usava o anel que Perón tinha dado para Evita, a primeira dama mais extraordinária que o mundo já teve. Frustrado, voltei ao hotel e consegui antecipar minha passagem de volta ao Brasil para o dia seguinte. Era fevereiro de 2004 e eu não estava mais obcecado pela Argentina.

## VI

Resolvi voltar ao Brasil antes da data que tinha planejado. Poucas vezes eu me sentira tão frustrado. alguma coisa mudou em mim em fevereiro de 2004 e não ter conseguido recuperar o anel de Evita apenas me deixou mais angustiado.

Antes de entrar na sala de embarque, fui até onde o taxista tinha morrido. Eu não chorava há uns dez anos, mas não foi ali, outra vez. Como o movimento era grande e o filminho com a imagem dele caído começou a voltar na minha cabeça, resolvi entrar logo no aeroporto.

Meu voo ainda demoraria muito para sair. Estacionado em um portão distante vi um belo avião da Japan Airlines parado. As pessoas estavam entrando. Sentei em uma das poltronas mais próximas ao vidro e fiquei admirando o logotipo da Japan Airlines, a JAL. Minha angústia aos poucos foi aumentando (nunca é de repente), até que, pela primeira vez em uns dez anos, em fevereiro de 2004, comecei a chorar. Foi no Aeroporto de Ezeiza em frente a um avião da Japan Airlines. Não era um choro discreto, que eu pudesse esconder. Eu chorava muito, eu chorava tanto porque o meu taxista, o meu guia sofisticado de turismo, tinha morrido e eu não conseguia esquecer, e eu sabia que jamais esqueceria, e eu chorava daquele jeito porque logo o meu amigo André iria se matar, e eu chorava sem nenhum controle, do jeito que mais me incomoda, sem nenhum controle, porque o André morreu sem

conhecer os livros do Roberto Bolaño, não é justo, e eu também sabia que nunca mais iria esquecer: quando a polícia encontrou o corpo do meu amigo André, enforcado lá naquele lugar, havia uma sacola de uma livraria em cima da mesa, com o *Noturno do Chile* dentro, ele tinha acabado de comprar *Noturno do Chile*, então voltou para onde estava morando e se enforcou sem abrir o livro, ele colocou a sacola na mesa e se enforcou logo depois, e eu chorava daquele jeito porque o André nunca mais iria aos meus lançamentos, e eu chorava muito, na frente do avião da Japan Airlines, porque as pessoas dizem que eu sou cerebral e eu chorava daquele jeito, como eu nunca, porque os meus ex-professores iriam se tornar o que eles se tornaram mesmo e eu chorava porque não consegui encontrar o anel de Evita; tinha sumido, o meu inferno em Campinas já tinha passado, mas o André se enforcou sem conhecer a obra de Roberto Bolaño e eu chorava, eu chorava muito porque estava voltando para o Brasil, e o Brasil não é radical, o Brasil anula o radicalismo para continuar sendo o Brasil, eu não conseguia parar de chorar por causa disso tudo, porque eu não achava justo o André se enforcar, o anel de Evita desaparecer, as pessoas dizerem que eu sou cerebral e o meu taxista ter morrido, eu não achava justo e então em fevereiro de 2004 eu só chorava, eu só chorava.

# RESENHAS

HALLINA BELTRÃO SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO

como a **GUERRA** é construída a partir do **MEDO** AMBIENTE do conflito  
**REPORTAGENS** de guerra disputam irracional e **DESIGUALFRONT**  
autoanálise psicológica **SEDE DE SANGUE** ódio irreversível

“Sem guerra, sinto a minha identidade diminuída”



## Quando a guerra precisa de fato ser deflagrada

Em reportagem que destoa do clichê do jornalismo literário, autor invade campos de batalha

Diogo Guedes

Uma espécie de “antropologia cruel”. É assim que o jornalista de guerra, Peter Beaumont, descreve o seu ofício de ir em meio a conflitos armados para procurar histórias. Em *A vida secreta da guerra*, lançamento do selo de Jornalismo Literário da Companhia das Letras, o repórter britânico mostra como a guerra é construída a partir do medo, do orgulho e da belicosidade. Mais do que colocar o leitor dentro do ambiente do conflito, papel de todas as grandes reportagens de guerra, Beaumont busca elucidar como se dão as guerras atuais e que fazem os jornalistas dentro desses ambientes caóticos. Assim, ele está interessado tanto no semelhante quanto no dessemelhante dos conflitos que acompanhou durante duas décadas, em locais como a Faixa de Gaza, o Iraque, o Afeganistão, o Líbano e os Balcãs. O texto frio, descritivo e psicologicamente pesado de Beaumont, mais próximo de uma

obra como *Hiroshima*, de John Hersey, do que do jornalismo literário mais famoso, como o novo jornalismo de Gay Talese ou Tom Wolfe, nos apresenta as novas guerras “assimétricas”, definidas pela ausência de dois estados consolidados se enfrentando. A profundidade de *A vida secreta da guerra*, no entanto, não está apenas na análise das áreas cinzentas do conflito, na humanização dos personagens envolvidos nele. O relato de Beaumont é único porque trata também a cobertura como uma questão central da guerra. Assim, o livro sugere que o jornalismo de guerra hoje é um campo dominado pela imagem – o impacto e o choque das imagens e vídeos da guerra são o principal contato do público com o conflito, o que faz Beaumont apontar as cenas de explosão como a pornografia da guerra. A intenção de Beaumont é mergulhar psicologicamente dentro da guerra e na cabeça de

quem a presença. Assim, em *A vida secreta da guerra*, o papel do repórter é o de fazer o leitor ter uma experiência próxima à do que acontece em um conflito. Dentro de sua frieza narrativa, o britânico se questiona com frequência sobre o que faz uma pessoa escolher estar ali e o que faz um jornalista ir atrás da ação do front. Sua análise é uma justificativa do próprio impulso que o move em direção à cobertura das guerras: para os repórteres, testemunhar a guerra apenas de dentro do hotel, ou dos locais seguros dominados por apenas um exército, chega a ser quase um sinal de covardia. É a autoanálise psicológica o principal elemento do relato de Beaumont. Depois de conhecer a sede de sangue dos soldados e o ódio irreversível aos invasores, o leitor passa a entender o egoísmo e o orgulho que envolvem fazer a cobertura de uma guerra. Um dos momentos principais é quando

Beaumont decide ir a mais uma guerra, apesar dos protestos de sua mulher e seu filho. E lá, ainda espera encontrar um conflito de verdade, para justificar sua ida. A guerra, ele admite, se torna uma necessidade para o jornalista que vive dela. “Sem guerra, sinto a minha identidade diminuída”. *A vida secreta da guerra* é literário no que carrega de psicológico.



REPORTAGEM

*A vida secreta da guerra*

Autor: Peter Beaumont

Editora: Companhia das Letras

Preço: R\$ 49

Páginas: 285

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

ROLIÚDE

Livro adaptado para o teatro está no 17ª edição da mostra *Janeiro de Grandes Espetáculos*

Adaptado para teatro pelo diretor carioca Julio Adrião, o livro de Homero Fonseca *Roliúde*, um romance picaresco, aventuroso e cinematográfico, terá três apresentações no 17º *Janeiro de Grandes Espetáculos*, sendo duas no Teatro de Santa Isabel e uma no Teatro Bonsucesso, de Olinda, que será reaberto. A comédia, bem recebida pela crítica no Rio de Janeiro, traz o ator João Ricardo Oliveira em

papel *solo* (foto), interpretando Bibiu, o sertanejo contador de histórias, que ganha a vida se apresentando em ruas e praças, levando ao público versões bastante peculiares dos grandes sucessos do cinema. O festival acontece de 12 a 30 de janeiro, em vários palcos de Pernambuco. Quem quiser confirmar a programação deve consultar o site [www.janeirodegrandesespetaculos.com](http://www.janeirodegrandesespetaculos.com) ou o telefone 3082.2230.

DIVULGAÇÃO



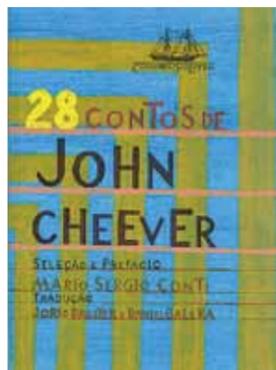
DIVULGAÇÃO



## Um mestre dos fragmentos

É bizarro que ainda exista gente que coloque os gêneros literários numa escala evolutiva. E, claro, os contos sempre acabam perdendo, como se ficção fosse quantidade e não qualidade, como se o flash de haikai não fosse suficiente para nos desestabilizar. Quem pensa assim, deve esquecer que dois dos autores mais influentes do século 20, Borges e Katherine Mansfield, nunca escreveram um romance. Essa reclamação faz sentido quando lembramos do choque que as *short stories* do norte-americano John Cheever causaram no final dos anos 1970 em seu país. Até então, nunca um livro de contos havia frequentado por tanto tempo a lista dos mais vendidos do *New York Times*. Pouco conhecido no Brasil, Cheever é referência chave para se compreender a literatura norte-americana contemporânea. Suas

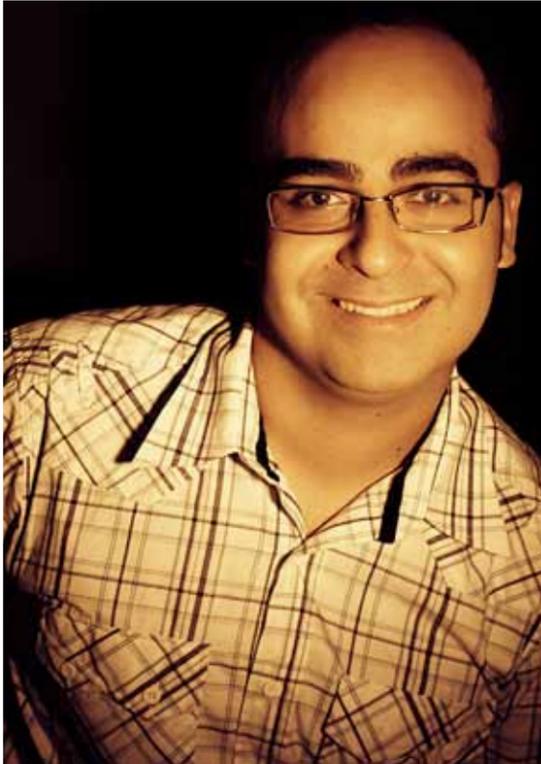
narrativas curtas flagram invejas, epifanias e pequenas/grandes frustrações de gente tão banal, que parece estar ali do lado. Esse *28 contos*, com prefácio de Mario Sergio Conti, é uma ótima oportunidade de conhecermos melhor sua obra. **(Schneider Carpeggiani)**



### CONTOS

*28 contos de John Cheever*  
**Autor:** John Cheever  
**Editora:** Companhia das Letras  
**Preço:** R\$ 41  
**Páginas:** 359

DIVULGAÇÃO



## Blogosfera em debate

Qualquer texto que trate sobre assuntos ligados à internet corre o risco de facilmente se tornar efêmero. Isso se dá pelo dinamismo que permeia termos contemporâneos – e cada vez mais cotidianos –, como “redes sociais” e “convergência midiática”. A sensação que fica no contato com o primeiro livro do pesquisador – e também blogueiro – Ricardo Oliveira é que esta é uma daquelas obras necessárias, não pelo seu teor permanente, mas por pontuar de forma rica um momento, nos trazendo um breve panorama das transformações sociais na era da convergência. O livro trata, sobretudo, de um estudo sobre a mudança paradigmática da produção (outrora restrita) de conteúdos que passa a ser também praticada pelo usuário: com estética e escritas próprias, os blogs figuram como endereços virtuais que

possibilitam ao internauta a produção participativa. O *Brainstorm#9*, criado por Carlos Merigo em 2002, é o exemplo que Oliveira nos traz de um blog referência entre profissionais e estudantes de publicidade e propaganda, para além da função “diários virtuais” comumente associados aos blogs. **(Raquel Monteath)**



### COMUNICAÇÃO

*Blogs - Cultura convergente e participativa*  
**Autora:** Ricardo Oliveira  
**Editora:** Marca de Fantasia  
**Preço:** R\$ 12  
**Páginas:** 80

## PRATELEIRA

### O ROMANCE HISTÓRICO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO (1975-2000)

As transformações do romance histórico, do romantismo do século 19 até a metaficção historiográfica, forma de unir literatura e história, surgida no século 20, são o tema desta obra, que estuda o desenvolvimento do gênero através do tempo, considerando sua difusão no Brasil, o impacto sofrido com a globalização e a supremacia das novas mídias. O autor ressalta as diferenças entre o romance pós-moderno e o romance tradicional histórico, e como esses textos influenciam a história e a própria literatura. Esteves apresenta os aspectos formais dessas narrativas, na Europa e América Latina, e compara com as novas modalidades desenvolvidas por escritores brasileiros.



**Autor:** Antônio R. Esteves  
**Editora:** Unesp  
**Páginas:** 288  
**Preço:** R\$ 48

### LITERATURA E GUERRA

Publicado com apoio da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, o livro estuda a relação entre literatura e guerra e mostra como a temática domina as primeiras grandes obras literárias, presente tanto na ótica historicista quanto numa perspectiva religiosa. Os autores aprofundam o debate ao dividir a obra em três grandes eixos temáticos, discutindo a relação entre a guerra e a literatura a partir dos contextos históricos, políticos e mitológicos.



**Organizadores:** Elcio Cornelsen e Tom Burns  
**Editora:** UFMG  
**Páginas:** 340  
**Preço:** R\$ 45

### UMA VEGETARIANA NO AÇOUQUE: A SAGA DE UMA MULHER NUM MUNDO DE HOMENS, CARNES E CRISE MORAL

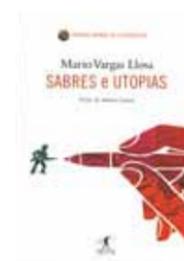
Autora de um blog culinário, a escritora americana lança a história engraçada de uma vegetariana que é obrigada, por questões de saúde, a conhecer os prazeres da carne. Lutando contra sua aversão, ela conhece todos os produtos do açougue. Mas, quanto mais conhece sobre os métodos de criação e abate dos animais e sobre os efeitos da carne no organismo humano, mais aumenta sua paixão por nabos, ossosbucos, tomates etc. Ao longo do caminho, ela conhece diversos personagens e se mete em situações hilariantes.



**Autora:** Tara Austen Weaver  
**Editora:** Seoman  
**Páginas:** 248  
**Preço:** R\$ 34,90

### SABRES E UTOPIAS - VISÕES DA AMÉRICA LATINA

O nome de Mario Vargas Llosa sempre é cercado por polêmica. Sobre tudo quando a política entra em questão: Quais são seus verdadeiros postulados liberais? Quais são os riscos e as esperanças que ele vislumbra para o continente? Como ganharam foma suas ideias? Questões que esta coletânea de artigos trata de responder, mas o melhor mesmo é quando o escritor peruano se debruça a esmiuçar o terreno onde ele é mestre, o literário. Estão aqui críticas a nomes como Gabriel García Márquez e ao mestre Borges.



**Autor:** Mario Vargas Llosa  
**Editora:** Objetiva  
**Páginas:** 430  
**Preço:** R\$ 49,90

### ILUMINURAS

#### Projeto pensa o Recife com inspiração em Bandeira

O Espaço Pasárgada continua o projeto *Iluminuras de Bandeira*, toda quinta-feira, às 19h. A ideia é discutir a relação entre a literatura e outras linguagens, com base nos poemas de Manuel Bandeira, *Cotovia*, *Minha terra*, *Evocação do Recife e Recife*. Em janeiro a programação inclui teatro, gastronomia, design, arquitetura e música. Além de palestra, o formato inclui uma apresentação performática ou exposição, conforme o tema.

### CRÔNICAS

#### Coleção Antônio Maria recebe novos textos

Até 15 de janeiro, quem quiser participar do segundo volume da *Coleção Antônio Maria de Crônicas*, da FCCR, pode encaminhar de um a três textos para o e-mail [crissthianoaguilar@gmail.com](mailto:crissthianoaguilar@gmail.com). O primeiro volume foi lançado no festival *A Letra e a Voz*, em 2010, reunindo escritores conhecidos ou novos, com ótima repercussão. O próximo será lançado em fevereiro ou março. Os textos não precisam ser inéditos.

### CINEMINHA

#### Público de cineclube escolhe seus preferidos

Toda segunda quarta-feira do mês (em janeiro cai no dia 12), acontece sessão de cinema no Espaço Cultural Banquete. O cineclube, que tem curadoria de Amanda Ramos, exhibe curtas de até 25 minutos de duração, inclusive documentários e adaptações de obras literárias. A novidade é que o público escolhe seus preferidos. O apresentador mais votado ganha um jantar, com direito a acompanhante.

# CRÔNICA

José Castello

# É o erro que vai lhe erguer

**Cristovão Tezza não abandona** sua aposta firme no realismo, na objetividade e no coloquial. No premiado *O filho eterno*, levou esses princípios ao extremo, chegando a se descolar de si (pois nunca escondeu o estofado autobiográfico do livro) para, só enfim, conseguir narrar. Visto desde fora, o protagonista do romance, investido do papel de outro, ganhou uma perturbadora nitidez. A ponto de muitos leitores se perguntarem, ainda hoje, se o filho eterno de que o título fala é, mesmo, o filho especial, ou o próprio pai.

Os leitores de Tezza certamente se perguntavam qual seria seu próximo passo rumo à face do real. Seria possível avançar mais sem, na verdade, retroceder? A resposta surpreendente vem com *Um erro emocional*, seu novo romance. Muito mais do que um quase impossível passo à frente, o livro expande as premissas do realismo, obrigando-as a revelar seu avesso. Como os foguetes pirotécnicos que só ao explodir revelam sua grandeza.

*Um erro emocional* é o relato de um jantar (uma pizza com vinho) a dois. A expressão que lhe serve de título surge logo na primeira frase, dita por Paulo Donetti, um escritor que bordeja a decadência. Ele se dirige a Beatriz, logo depois que ela lhe abre a porta de seu apartamento. É o primeiro encontro de trabalho entre a nova secretária – na verdade: primeira leitora – e o escritor. Entre os dois, se erguem os originais de um novo livro.

Seria uma estupidez reduzir o romance ao desenrolar monótono dos acontecimentos – propositalmente banais, e até previsíveis. Fé quase insensata no realismo: eles são narrados com minúcias e cuidados; mas é a aposta obstinada nos detalhes (como em um animal que morre de seu próprio veneno) que os leva a explodir. O romance de Tezza é

muito mais do que o relato do encontro entre um homem – que, porque se vê a um passo da paixão, pensa no erro – e uma mulher – que, diante da eminência da paixão, como uma Scheherazade contemporânea, salva-se pela palavra. É o encontro entre duas mentes que fervem.

Diálogos dissolvem-se em pensamentos, em lembranças, em conversas e vidas passadas. O tempo se relativiza enquanto os acontecimentos, com sua fé cega nos fatos, avançam. Sob o manto grosseiro da realidade – morte do realismo –, contudo, abre-se uma grande instabilidade. Tezza desmascara, assim, sem fazer alarde e sem o recurso de *insights* sofisticados (embora um psicanalista compareça à cena), o mito do Eu transparente. Para escrever, pensa o próprio Paulo Donetti, não é preciso “explicar tudo”. A ficção está muito além de qualquer “espírito de tese”.

Pisando o pântano do coloquial, o leitor entende que lê um discurso incompleto; isto é, uma narrativa na qual as palavras são usadas não como recurso de expressão, mas como escudos. Quanto mais os dois personagens falam, menos entendemos o que querem. Em vez de plácida e luminosa, a realidade é obscura. Tudo o que resta é o próprio Eu, precário e tenso, única via possível para o amor. Um “amor errado” – pois

não existe “amor certo”, a paixão é sempre um mal-entendido. Um amor humano, capenga, cheio de zonas sombrias, que parece nunca satisfazer.

O próprio narrador reafirma a condição escorregadia do amor, quando a desloca para a literatura, definida como uma frágil busca de direção. “É preciso que as coisas façam sentido. Para isso escrevemos”, diz. Ampara-se nas palavras porque se sente em queda livre. A escrita, porém, não passa de um resto (como uma tora de madeira lançada em alto mar), ao qual, precariamente, nos agarramos.

O próprio Donetti se desmente ao afirmar, logo depois, que a literatura quer, na verdade, “tirar o sentido do mundo”, desmontar o senso de ordem que o sustenta. Parece contraditório, mas não é: só ao perseguir a ordem (só ao escrever) entendemos o quanto o mundo tende à desordem. Há quase nada que possamos fazer. Talvez a única, Paulo e Beatriz nos sugerem, seja amar.

*Um erro emocional* trata, em consequência, da própria literatura, que não passa de um desvio pela borda do sentido. Trata do humano, cujo limite de sucesso é o “bem errar”. Os grandes painéis realistas e as límpidas narrativas dos mestres revelam, com isso, seu aspecto monstruoso. São como botas ortopédicas, enfiadas à força na alma

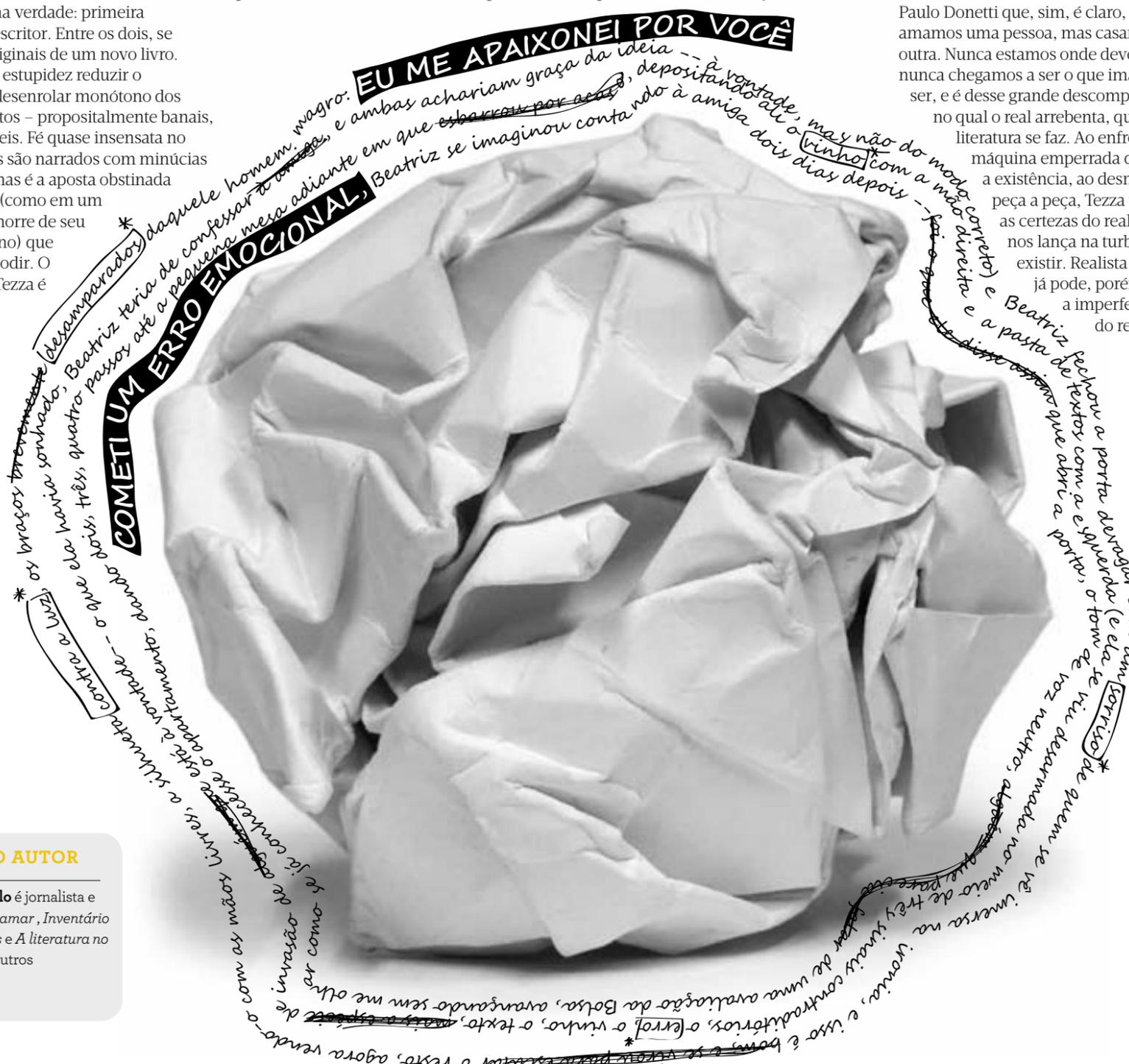
das coisas, na esperança de corrigi-las; tudo o que fazem, porém, é quebrá-las.

Reflete Paulo Donetti, ainda, que a literatura transforma tudo em objeto. Não percebe, talvez, que, ao colocar sua atração por Beatriz à frente de suas pretensões literárias, ele inverte essa ideia, fazendo da literatura, ela sim, um objeto quase inútil. Os originais de seu livro, se aproximam os dois amantes, servem, mais ainda, para afastá-los. Um sabor de coisa inacabada, de ausência absoluta de conclusão e sentido, resta, ao fim da leitura. Seria um erro primário, porém, julgar que esse travo representa o fracasso da narrativa. É, ao contrário, porque ela sincroniza com a penúria irremediável da paixão que o romance fica de pé e se engrandece.

Se, com *O filho eterno*, Tezza armou para si uma bela armadilha – o que fazer depois que se chega à borda do realismo? –, com *Um erro emocional*, ele defronta, com coragem, a ilusão realista. Perfura, assim, as certezas do homem comum, revirando a realidade e exibindo aquilo que ela, no fundo, é: uma sombra de algo que jamais será.

A ideia de sombra, a propósito, serve a Donetti como metáfora da própria literatura. Ela o leva a entender que, se o mundo não é nítido e mecânico, a literatura só se servirá do obscuro. Conclui Paulo Donetti que, sim, é claro, sempre amamos uma pessoa, mas casamos com outra. Nunca estamos onde devemos estar, nunca chegamos a ser o que imaginamos ser, e é desse grande descompasso, no qual o real arrebenta, que a

literatura se faz. Ao enfrentar a máquina emperrada que move a existência, ao desmontá-la peça a peça, Tezza ultrapassa as certezas do realismo e nos lança na turbulência de existir. Realista ainda, ele já pode, porém, aceitar a imperfeição do real.



## SOBRE O AUTOR

José Castello é jornalista e autor de *Ribamar*, *Inventário das sombras* e *A literatura no divã*, entre outros